



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CLAUDIANE MOREIRA DA SILVA

**A CULTURA POPULAR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS TINGUIZAL E
SUCURI EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

**Arraias - TO
2021**

CLAUDIANE MOREIRA DA SILVA

**A CULTURA POPULAR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS TINGUIZAL E
SUCURI EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário Professor Doutor Sérgio Jacintho Leonor, como requisito à obtenção de nota parcial da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Aline Fagner de Carvalho e Costa.

**Arraias - TO
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586c Silva, Claudiane Moreira da.

A Cultura popular no processo ensino aprendizagem nas escolas municipais das comunidades quilombolas Tinguizal e Sucuri em Monte Alegre de Goiás. / Claudiane Moreira da Silva. – Arraias, TO, 2021.

63 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2021.

Orientador: Aline Fagner de Carvalho e Costa

1. Cultura Popular. 2. Comunidade Quilombola. 3. Identidade Cultural. 4. Escola do Campo. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

CLAUDIANE MOREIRA DA SILVA

A CULTURA POPULAR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS TINGUIZAL E SUCURI EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS

Monografia foi avaliada e apresentada/o à Universidade Federal do Tocantins – UFT - Campus Universitário Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, Curso de Pedagogia, para obtenção do título de Pedagogo/a e aprovada/o em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

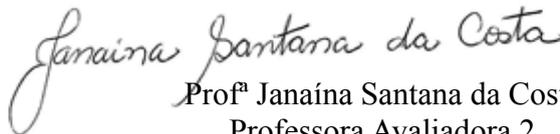
Data de aprovação: 16 de dezembro de 2021.



Prof.ª Dr.ª Alne Fagner de Carvalho e Costa (UFT)
Orientadora



Prof Erasmo Baltazar Valadão
Professor Avaliador 1



Prof.ª Janáina Santana da Costa
Professora Avaliadora 2

Arraias - TO, 2021

“O problema que se coloca para mim é que compreendendo como compreendo a natureza humana, seria uma contradição grosseira não defender o que venho defendendo. Faz parte da exigência que a mim mesmo me faço de pensar certo, pensar como venho pensando enquanto escrevo este texto.”
Paulo Freire

Dedico esse trabalho à minha mãe Percida da Silva Santiago, ao meu pai Sebastião Moreira da Cunha e às minhas filhas Alicia Moreira de Castro e Maria Clara Pereira Silva.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos primeiramente à Deus. Aos meus amigos e colegas, que estavam sempre a me incentivar a continuar na caminhada e hoje pude reservar este espaço para agradecê-los. Dedico essa minha conquista a todos que torceram e acreditaram na minha capacidade. Mesmo eu dizendo que não ia conseguir estavam ali, insistindo em dizer que eu seria sim capaz. À minha mãe, Percida da Silva Santiago, que sempre me apoiou, por estar sempre cuidando de minhas filhas contribuindo e da melhor maneira e me auxiliando com a educação de minhas pequenas. Ao meu pai, Sebastião Moreira da Cunha pelas palavras de apoio. Ao meu esposo Cleidiano de Castro Silva, pelo apoio e compreensão da minha falta de paciência as vezes. Aos irmãos e irmãs. E claro às minhas filhas Maria Clara e Alícia, por ser tão carinhosas e atenciosas, nas horas que me sentia exausta e sem ânimo. Quero agradecer em especial minhas colegas de caminhada que estavam sempre dispostas a me ajudar, é com muito carinho e satisfação que agradeço a vocês meninas: Fernanda da Silva Leite Oliveira, Mariele Francisco da Cunha Santos, Geane Moura Malheiros, Dailine Alves Dias. Agradeço à amiga, comadre e prima, Thaís Fernandes de Souza pelo apoio e por cuidar tão bem das minhas filhas. Quero também agradecer imensamente a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Aline Fagner de Carvalho e Costa, pela oportunidade de tê-la como minha instrutora e mediadora do conhecimento, e por toda atenção e compreensão, por acreditar em mim, mesmo quando nem eu mesma acreditava. É com muito carinho que digo: Obrigada!

Agradeço ainda à banca de avaliadores Prof. Erasmo Baltazar Valadão e Prof^ª Janaína Santana da Costa Prado, pelas contribuições.

RESUMO

O presente trabalho apresenta inquietações, preocupações e insatisfações advindas da desvalorização da cultura popular das comunidades tradicionais do território Kalunga. O objetivo desta pesquisa é analisar o interesse e interação das comunidades quilombolas Kalunga com as escolas municipais locais, e propor ideias pertinentes para se trabalhar com as crianças a valorização e permanência da cultura local. O estudo teve como base teórica o conceito de cultura popular e prática pedagógica a partir de Freire (1996), Gadotti (2003), Candau (2014), Ostetto (2012) entre outras referências. A pesquisa foi do tipo a qualitativa, com análises documental do Projeto Político Pedagógico das escolas, além da pesquisa de campo, com observações participantes e entrevistas semi-estruturadas com as professoras das Escolas Municipais Tinguizal e Sucuri, além lideranças e moradores das comunidades quilombolas Kalunga. Foi utilizado como método da pesquisa a etnometodologia em busca de compreender pela entrevista/conversação como se dá prática pedagógica e a participação da comunidade em prol da valorização desses saberes e fazeres do povo Kalunga, a partir da realidade cotidiana. A epistemologia que inclui o pessoal e o subjetivo da pesquisadora que faz parte do objeto pesquisado. Assim foi possível compreender um cenário contraditório que apresenta de um lado uma submersão dos saberes tradicionais ao mesmo tempo em que se ressalta a significância desta cultura para a identidade quilombola Kalunga. Aponta-se a qualificação dos professores e a participação da comunidade como caminhos deverão seguir para que as crianças, jovens e até mesmo os adultos reconheçam e valorize suas identidades culturais.

Palavras-chaves: Cultura Popular. Comunidade Quilombola. Identidade Cultural. Escola do Campo. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This work presents concerns, concerns and dissatisfactions arising from the devaluation of the popular culture of traditional communities in the Kalunga territory. The objective of this research is to analyze the interest and interaction of the Kalunga quilombola communities with the local municipal schools, and to propose relevant ideas for working with children in the appreciation and permanence of local culture. The study was theoretically based on the concept of popular culture and pedagogical practice from Freire (1996), Gadotti (2003), Candau (2014), Ostetto (2012) among other references. The research was qualitative, with analysis of the documents of the Political Pedagogical Project of the schools, in addition to field research, with participant observations and semi-structured interviews with teachers from Municipal Schools Tinguizal and Sucuri, as well as leaders and residents of quilombola communities Kalunga. Ethnomethodology was used as a research method in order to understand, through the interview/conversation, how pedagogical practice and community participation take place in favor of valuing these knowledge and actions of the Kalunga people, based on the daily reality. The epistemology that includes the personal and the subjective of the researcher who is part of the researched object. Thus, it was possible to understand a contradictory scenario that presents, on the one hand, a submersion of traditional knowledge while highlighting the significance of this culture for the Kalunga quilombola identity. It points out the qualification of teachers and the participation of the community as paths they should follow so that children, young people and even adults recognize and value their cultural identities.

Keywords: Popular Culture. Quilombola community. Cultural Identity. Country School. Elementary School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Sítio Histórico Kalunga: Comunidades por Município	38
Figura 2. Plantas cultivadas pela comunidade quilombola Kalunga seu sustento	39
Figura 3. Preparo do solo para o plantio na comunidade quilombola Kalunga	40
Figura 4. Coleta e processamento do buriti na comunidade quilombola Kalunga	40
Figura 5. Córregos que abastece as comunidades quilombolas Kalunga	41
Figura 6. Casa das galinhas na comunidade quilombola Kalunga	41
Figura 7. Escola Municipal Sucuri	43
Figura 8. Escola Municipal Tinguizal	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Sobre a pesquisadora	14
2	CULTURA POPULAR NO PROJETO PEDAGÓGICO	19
2.1	Educação e cultura: conceitos ampliados	19
2.2	Cultura popular e prática pedagógica	21
2.3	Relação-professor e aluno	29
2.4	A qualificação de professores	32
3	ETNOMETODOLOGIA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	35
3.1	Dimensões da etnometodologia	35
3.2	Descrição do campo de observação	37
3.3	Dados da comunidade Sucuri	42
3.4	Dados da comunidade Tinguizal	45
4	TERRITÓRIO E IDENTIDADE KALUNGA: A CULTURA POPULAR VIVIDA NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES	47
4.1	Falas de algumas lideranças Kalunga e professoras das escolas	47
4.2	Sobre os projetos pedagógicos e a presença da cultura popular	53
4.3	Sobre os professores	55
4.4	Sobre os estudantes	57
4.5	Sobre a participação da comunidade	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a percepção da comunidade e das escolas no que se refere a valorização e permanência da cultura popular das comunidades quilombolas Sucuri e Tinguizal, localizadas no território Kalunga no município de Monte Alegre em Goiás. Por ser natural do Quilombo, prezo pelo fortalecimento das identidades do meu povo, e busco o apoio das escolas. Algumas manifestações representadas pelas nossas identidades ainda vivas, como: as festas, reza, folia e a sussa, deixadas e mantidas pelos nossos ancestrais é o firmamento de nossas identidades e memórias que perpassa gerações. Sem o conhecimento da escrita pelas gerações anteriores estes saberes nos eram transmitidos por meio da oralidade.

Com o passar dos anos, com a chegada da modernidade juntamente com o avanço tecnológico, as transformações e modificações na sociedade aconteciam, e não podia ser diferente em nossa pacata e aconchegante comunidade Kalunga. Tais dinâmicas trouxeram implicações na cultura popular local ameaçando sua existência. Porém, apesar de adormecidas por uns, para outros, a cultura permanece viva e enraizada, mas há o receio de que essa venha a obliterar-se.

Esta pesquisa é resultante de um longo processo de inquietações, que trouxeram reflexões e indagações sobre a cultura popular e a prática pedagógica. Dessa forma, esse trabalho tem como enfoque, além de conhecer como tem se dado a valorização da cultura popular, observar como se estabelece a interação entre comunidade e escola. Com base nas abordagens Freiriana (FREIRE, 1996), é essencial para a formação do sujeito que a educação tome como ponto de partida as vivências e experiências dos educandos, assumindo o/a educador/a um papel de mediador/a do conhecimento, ampliando e aprimorando-o, sempre com a busca incessante do aprender constante.

Um dos elementos básicos para tornar-se sujeito (KILOMBA, 2019) é o conhecimento de sua história, a história do seu povo que no caso das comunidades quilombolas abrange os modos de vida, valores, ritos e cerimônias tradicionais. Sendo assim, esta pesquisa é resultante da preocupação com o crescente número de alunos destas comunidades, que se tornam adultos sem conhecer suas raízes. A preocupação que se perpetua é de que daqui há alguns anos se perca os costumes, as tradições, a cultura local do povo Kalunga, pois quem tem esses saberes, são as pessoas mais velhas das comunidades e muitas delas já faleceram.

O desconforto com essa situação escolar e comunitária justifica a problematização levantada neste trabalho, com o intuito de conhecer como educadores locais percebem e trabalham na comunidade a qualidade da educação. Para isso, a capacitação para os professores, que possa fazê-los desenvolver a prática educativa emancipadora é fundamental. Então por que não trabalhar a cultura popular local nas escolas? Por que não mostrar a esses alunos que a escola tem a capacidade de despertar o interesse de estudantes para aspectos fundamentais de valorização das tradições culturais que sustentam a identidade de uma comunidade?

Busca-se por meio deste trabalho compreender sobre a atuação pedagógica nas escolas destas comunidades Kalunga e sugerir pontos para uma melhor qualificação de professores, que compreendam além dos interesses sociais e econômicos presentes nos planos, programas e ações governamentais para a educação, também que a significação e o conhecimento de suas raízes não podem ser negados.

Este trabalho tem como enfoque conhecer interações possíveis entre comunidade e escola. Porque como a escola exerce o papel de educar para cidadania é dever das escolas locais fazer com que essas pessoas percebam a importância de preservar as manifestações representativas da história local. Perceber a importância, refiro a comunidade em geral, porque muitas manifestações religiosas ficaram no esquecimento e só ainda preservam as de fortes representações culturais como a festa de São João.

As relevantes modificações decorrentes da dinâmica social transformam a vida do sujeito e o convívio social, por consequência as manifestações culturais sofrem modificações. É comum se deixar levar pelo apelo à massificação cultural, ou seja, se envolver demais com a nova indústria cultural e esquecer a essência de resistência destas comunidades. Por isso a presença e a permanência dessas culturas, é indispensável, é essencial, sendo esses fatores que abarca toda uma história de luta e resistência que consiste em subsistência da cultura local.

Com isso, é importante que a comunidade seja lembrada e incentivada a manter viva essas manifestações tradicionais do lugar. Como também é imprescindível que a comunidade tenha consciência das modificações sofridas na sociedade, inclusive com a chegada da tecnologia. Sendo esse um fator importante de informação e comunicação que possibilita a ampliação do conhecimento, abrangendo um vasto caminho de possibilidades e responsabilidades. Mas que também pode provocar o embrutecimento em caso da má utilização das ferramentas.

Sendo assim a pesquisa problematiza reflexões sobre a cultura popular e o desenvolvimento de ações pedagógicas que solidificam uma interação comunidade e escola, em prol da valorização e permanência das manifestações culturais do local. Vale ressaltar que este trabalho apresenta e aponta supostos melhoramentos nas ações pedagógicas, partindo da ideia de que a educação baseada nas experiências e vivências do sujeito, apresenta resultados significativos e indispensáveis para a construção e reconstrução de conhecimentos, pois o respeito mútuo pelos saberes do senso comum é de suma importância e imprescindível para a promoção de uma educação de qualidade significativa. Precisa haver uma sincronização de ambas as partes para aquisição e ampliação do conhecimento, possibilitando assim uma formação de sujeitos críticos e participativos das ações abrangentes do contexto social.

Conforme mencionado anteriormente, esta é uma busca incessante pela interação comunidade e escola, prezando pelo respeito mútuo pelas manifestações culturais e subsistência dos saberes e fazeres locais. Pensando assim, é importante também refletir: as escolas estão conseguindo ser um aporte para a subsistência da cultura popular ou as despreza? E se consegue ser um aporte, como e quais ações as escolas desenvolvem que podem contribuir para a valorização e permanência da cultura popular local?

Para sustentar as inquietações aqui apresentadas e propor ações relevantes e significativas para o problema em pesquisa, foi necessário um longo processo de observações, considerando também experiências e vivências próprias da pesquisadora que faz parte da referida comunidade (KILOMBA, 2019; MINAYO, 2009). Para averiguar então o abarcamento das escolas com as manifestações culturais abrangentes da comunidade, foram utilizados de meios propícios e relevantes para o atual contexto, com entrevista e conversação etnometodológica (GARFINKEL apud GUESSER, 2003), que efetuou-se presencial ou de forma remota. Considerando este período pandêmico do covid-19, ressalta-se, que as ações desenvolvidas foram conscientes e responsáveis, resguardando a segurança de todos.

Portanto, esta é uma pesquisa caracterizada como qualitativa, fundamentada na etnometodologia (GUESSER, 2003), partindo também de pesquisa teórica, documental das escolas (PPP) Projeto Político Pedagógico e pesquisa de campo, com observações e entrevistas com professoras das respectivas escolas aqui mencionadas e outros membros da comunidade, para análises e comprovação de dados.

Para enriquecer ainda mais esse processo de exercício dialético entre pesquisadora e entrevistados, busquei trazer teóricos que defende a ideia da pesquisa. Santos (2006) e Laraia (2001) que contribuem apresentando o conceito de cultura numa perspectiva dinâmica de

construção coletiva. Sobre a relação entre cultura popular e prática pedagógica, destaca-se a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), para que possamos entender um pouco mais sobre o que é estabelecido para as escolas e metas a serem cumpridas, oportunizando ao leitor a entender essa relação e sua importância. Trouxe também outros grandes teóricos, como: Ostetto (2012), Gadotti (2003) que explica “sentido” de ser educador e qual papel que o professor deve desenvolver enquanto mediador do conhecimento. Para Gadotti (2003), o aluno deve “construir e reconstruir” o saber a partir do fazer. Freire (1996), Kramer (2005) Moreira (2021), Nascimento (2017) e Candau (2014) defendem que o processo ensino aprendizagem do aluno deve contemplar a sua realidade, resguardando a importância da afetividade.

Assim sendo, acredito ser indispensável falar da qualificação de professores. Nessa questão Freire (1996) nos ensina que por mais árdua que seja a caminhada, não podemos nos deixar levar pela fraqueza e nos abater, pois escolhemos uma profissão, a qual nos destina uma missão. Educar, por isso, devemos sempre oferecer o melhor para nossos alunos. E a melhor maneira de fazermos isso é sempre buscar a aquisição de conhecimentos, optando pelo aprender constante. Já Nascimento (2017) ressalva que a educação básica ainda precisa preencher lacunas no que consiste a valorização do negro na sociedade.

Diante do exposto, vale ressaltar que, prezo pela minha essência, pois esse povo, é meu povo. As preocupações aqui trazidas por mim como exemplo, pois quando criança, sempre participei das manifestações culturais de minha comunidade e entorno, porém não tinha o conhecimento da importância de estar ali. No convívio da família, só tínhamos consciência de que deveríamos seguir a tradição, porém não tinha uma explicação aprofundada sobre isso. Por isso, a suposição da precisão do apoio do conhecimento crítico metodológico englobando a prática pedagógica.

A exposição dos temas aqui elencados se apresenta da seguinte forma: na presente introdução onde se apresenta e se justifica a escolha da problemática e dos objetivos da pesquisa, soma-se como sub tópico uma breve apresentação da pesquisadora destacando seu pertencimento à comunidade estudada. No primeiro capítulo apresentam-se as bases teóricas a fim de se relacionar os fundamentos da cultura popular e da prática pedagógica com destaque à qualificação docente e à relação professor e aluno. No segundo capítulo se apresenta em detalhes os fundamentos teóricos da metodologia de produção do conhecimento com foco no movimento de “tornar-se sujeito” e na análise da conversação resultante das entrevistas com membros da comunidade local. Neste capítulo também são apresentados aspectos gerais das

comunidades e escolas pesquisadas. No capítulo terceiro são trazidos mais elementos da identidade quilombola a partir da apresentação e análise das entrevistas/conversas realizados no decorrer da pesquisa e da observação participante realizada pela pesquisadora.

Dessa forma, considera-se a importância e necessidade do envolvimento da escola com a realidade do educando, para que seja possível uma significativa promoção e ampliação do conhecimento despertando assim também o interesse e estímulo pelo aprender constante, aprimorando-os. Prezando sempre pelo respeito a sua essência, seguido da valorização dos saberes e fazeres local. Com isso, torna-se imprescindível intensificar a formação dos professores para o processo ensino aprendizagem.

1.1 Sobre a pesquisadora

Eu, Claudiane Moreira da Silva, tenho 27 anos, filha de Percida da Silva Santiago e Sebastião Moreira da Cunha. Nasci e fui criada até meus nove anos de idade na comunidade Kalunga, município de Monte Alegre-Goiás.

Comecei a estudar com seis anos de idade na Escola Municipal Tinguizal e me mantive lá até os nove anos. Minha educação infantil não posso dizer que foi exemplar, pois estudei em uma escola de palha sem estrutura adequada para ensino, as cadeiras eram bancos de pau e as mesas umas tábuas pregadas, mais se parecia com um giral. Mesmo assim era muito feliz simplesmente pelo fato de estar estudando.

Contudo, meu processo escolar foi bastante diferente do atual, não estudei em creche, jardim, como é o processo de ensino atual em cidades. Fui matriculada aos seis anos de idade, mas já sabia fazer meu nome e formar as palavras, com o auxílio de meus irmãos. Estudei na Escola Municipal Tinguizal, localizada na comunidade Tinguizal (Kalunga) no município de Monte Alegre-Goiás. No entanto, assim como na minha infância, a comunidade Kalunga até hoje não dispõe de Creche e Pré-escola.

Com nove anos, desloquei-me da comunidade e fui para Campos Belos, Goiás, em busca de melhoria principalmente nos estudos. Chegando lá, fui matriculada na escola estadual Mariano Barbosa Júnior pela família a qual fui destinada, nesta, estudei da 5ª série até o 8º ano. No 9º ano fui transferida para escola estadual Polivalente Professora Antusa, e lá finalizei o ensino médio no ano de 2011. Durante todo esse tempo, trabalhei e morei em casa de família, dos 9 aos 16 anos de idade. Dos 16 anos aos 18, trabalhei como secretária de um

escritório de advocacia, nesse período trabalhando o dia e estudando à noite até finalizar o ensino médio.

Durante todo esse tempo não foi nada fácil conviver com pessoas com quem não tinha nenhum tipo de parentesco, as quais não respeitava quando eu não estava me sentindo bem, não entendia minha carência de carinho, amor, de mãe e pai, enfim o aconchego da família. O ápice de viver com essas pessoas, era notar que as vezes agiam como se fossem a minha única opção de sobrevivência. É claro que nesse meio tempo, conheci pessoas incríveis que sempre me apoiavam e me davam carinho, mas não substituía jamais o carinho de mãe, pai e irmãos.

Meus pais se separaram eu tinha mais ou menos 8 anos de idade, então conseqüentemente já estava afastada do meu pai antes mesmo de me mudar para Campos Belos, mas sempre que dava ele ia me ver. Ele nunca concordou com o fato de eu ter que trabalhar fora de casa tão cedo, ainda mais com pessoas que sequer conhecíamos. Passar praticamente toda infância longe de minha família não foi fácil e me prejudicou bastante no meu processo ensino aprendizagem. Prejudicada, pois não tinha tempo suficiente para dedicar a meus estudos porque tinha que trabalhar e por isso brincava muito pouco. Acredito que isso interfere bastante no processo ensino aprendizagem da criança.

Depois que me mudei para Campos Belos, trabalhei bastante tempo cuidando de idosos, a partir de então foi despertado em mim um novo sentimento, um carinho imenso por idoso, juntamente com esse carinho uma enorme vontade de fazer medicina para que eu pudesse cuidar das pessoas. Mas esse meu desejo durou pouco porque as pessoas, inclusive familiares, me desmotivaram dizendo que eu nunca iria conseguir por ser de família pobre. Então desisti de medicina e resolvi cursar enfermagem. Assim que terminei o ensino médio, fui aprovada no vestibular para cursar enfermagem, porém, desisti logo depois, pois fiquei doente. A partir de então comecei a pensar na ideia de ser professora, pois sempre gostei muito de crianças. Na verdade, quando menina, dizia sempre para minha mãe que queria ser professora.

Quando desisti do curso de enfermagem, me mudei para Monte Alegre para trabalhar e tentar ser aprovada no vestibular para letras, porém, não consegui ser aprovada na segunda etapa do vestibular da UEG de Campos Belos. Continuei a trabalhar em um restaurante e lanchonete em Monte Alegre de Goiás. Em 2014, fui chamada para lecionar na comunidade Kalunga, aceitei, pois além de adquirir novas experiências ficaria perto de minha mãe, que não convivíamos juntas desde meus nove anos de idade, quando me mandaram para Campos Belos. Segundo minha mãe procurando me manter estudando porque era o que sempre pedia a

ela, para não me deixar parar de estudar. O que pra mim, era muito difícil de entender, por que eu não podia ficar com meu pai assim como meus irmãos.

Sempre fui muito batalhadora, desde pequena sempre procurei ajudar minha mãe em tudo, como todo quilombola, vivíamos e ainda vivemos daquilo que produzimos, como: plantações de arroz, mandioca, milho, abóbora e outros. Atuei em sala de aula dois anos e meio, trabalhando com alunos do 6º ao 9º ano. Gostei muito, porém gosto mais de trabalhar com a educação infantil, pois atuei algumas vezes nessa área como professora substituta. O convite para trabalhar na escola Bom Jardim-Kalunga, se deu por laços de amizade com uma senhora de Campos Belos, que estava trabalhando na comunidade a qual pertence.

Sem que eu esperasse, recebi uma ligação da coordenadora, perguntando se eu não tinha interesse em lecionar na escola Bom Jardim, próxima a comunidade Tinguizal que é onde nasci e é onde minha mãe mora. De início tentei recusar dizendo que não me sentia capacitada para tamanha responsabilidade, mas ela encorajou-me dizendo que tinha certeza que eu iria conseguir e que inclusive já havia passado meu nome e contato para diretora, e que tudo que eu tinha que fazer era no dia seguinte comparecer na secretaria de educação para os trâmites legais. Então aceitei. Sempre fui muito insegura, cheia de receios, medo, nervosismo, tímida. O caderno sempre foi meu melhor amigo, é com quem desabafo e faço anotações sobre meus entendimentos sobre qualquer assunto interessante.

A experiência como professora na comunidade foi gratificante, que me permitiu perceber também algumas questões que deveriam ser trabalhadas, mas que muitos professores, a gestão, comunidade deixavam de lado. Minha vontade de fazer a faculdade não passava, porque assim poderia dar minhas sugestões, já que essas questões, podem ser incluídas no planejamento, porque é proposto na matriz escolar. Pude perceber com aquela experiência na escola Kalunga que trabalham essas questões com os alunos mostrando a eles uma realidade que não é a deles. Claro que é indispensável conhecer diferentes realidades de diversos povos, porém antes conhecer sua própria realidade, sua história.

Temos em nossa comunidade, modos de vida tradicionais, saberes e fazeres que representa a identidade do povo Kalunga, representa uma história de resistência daqueles que lutaram para que seus filhos e netos tivessem uma vida melhor, uma história que explica a nossa essência. Mas infelizmente aquilo que para muitos é motivo de algazarra e gozação, são fatores importantes que deveriam ser trabalhados nas escolas, buscando a valorização da cultura da comunidade, esta que a cada dia que se passa está ficando no esquecimento.

Vendo que a cultura da comunidade, lugar onde nasci, está acabando aos poucos sem que os jovens percebam e valorizem isso, prometi a mim mesma que de alguma forma iria reverter essa situação. Isto porque acredito que muitos dos jovens que assim como eu nasceram e foram criados na comunidade, tem o direito de lutar para defender nossos direitos e dos nossos que ali habitam. Tenho certeza que hoje podem achar que é bobagem, mas daqui uns anos vão sentir na pele o quanto é ruim não conhecer sua própria história.

Diante de todos os acontecimentos inerentes a minha trajetória de vida foi que percebi que deveria saber mais sobre minha história, dos meus antepassados e participar de forma mútua das tradições, saberes e fazeres da comunidade da qual pertenço. Com isso, me inscrevi no ENEM e, finalmente, consegui, fui aprovada no curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Arraias. De início, foi complicado, pensei muitas vezes em desistir, mas então lembrava de minha mãe e minha filha e continuei firme na caminhada. Engravidei de minha primeira filha aos vinte anos, no período em que estava contratada pelo Estado como professora da Extensão Estadual Kalunga-II, na escola Bom Jardim.

No 4º período do curso de Pedagogia, veio uma surpresa inesperada, engravidei da minha segunda filha. Não sabia o que fazer, novamente pensei em desistir, muitos me criticavam e até mesmo sorriam pelas minhas costas, me crucificavam dizendo: “com tantos meios de prevenção você engravidou”. Mal sabiam eles que por motivo de saúde tenho algumas restrições médicas e não tenho o privilégio de aderir a esses vários meios.

Enfim, por que falar tudo isso? Porque foram justamente por esses acontecimentos em minha vida que me tornei a mulher que sou hoje, persistente e batalhadora, na verdade acredito que desde muito pequena batalhei pelos meus objetivos, porém minha insegurança fazia com muitas vezes eu viesse a fraquejar, mas hoje sei, que é esse o caminho rumo ao sucesso profissional e pessoal. Então, continuei meu curso com pouco apoio, mais com os poucos que realmente eram verdadeiros, com isso, na ativa estou caminhando em direção aos meus objetivos. Sei que as vezes eu mesma dificultava minha caminhada rumo ao que almejava, mas era justamente ali que percebia o quanto me tornei forte e corajosa.

Ainda no curso de Pedagogia, assim que tive minha bebê decidi não entrar com o processo de licença para não atrasar meu curso, porque segundo a secretaria da UFT, eu não podia realizar a disciplina de Estágio se caso optasse pela licença, foi então que decidi pegar apenas um atestado médico de 30 dias não trancando a disciplina de Estágio. Assim realizei o estágio com minha bebê, ainda em resguardo, ou seja, em menos dia trinta dias do parto. É

imprescindível ressaltar a importância de alguns professores responsáveis por me direcionar e ampliar minha bagagem tanto pedagógica, quanto pessoal e profissional. Ao mesmo tempo que perpassa por nossas vidas pessoas que se dizem profissionais, que ao invés de somar e direcionar o aluno ao caminho de amplas possibilidades, desmotiva e o faz se sentir incapaz, tem aqueles que direciona, desperta o interesse do aprender constante, o impulsiona a avançar, fazendo este perceber que pode ir além.

No curso de Pedagogia tomamos consciência de quão grandes somos e quão grandes ainda podemos ser, com as inúmeras possibilidades de aprendizado ofertado pelo curso. Nos tornamos seres habilidosos e capacitados para enfrentar qualquer desafio imposto por qualquer que seja o contexto, como o atual que passamos. Exemplo disso é esse momento pandêmico que transformou a vida de todos nós, e ao mesmo tempo nos tornou seres capazes de lidar com o inesperado. Redescobrimos meios importantes de aprendizagem e práticas que antes eram pouco utilizadas, talvez muitos nem tinham conhecimento, mas que hoje se tornou a única opção com mais amplitude e eficácia para ensinar e aprender.

Atualmente estou na reta final do curso de Pedagogia, e muito feliz por ter chegado até aqui, porque sei que agora estou praticamente alcançando um dos meus objetivos, mesmo com muitos obstáculos que surgiram e tenho certeza que irá surgir, não vou desistir e seguir com minha formação e aprimorando-a sempre mais. Portanto, hoje, com toda certeza que o curso de Pedagogia transformou minha vida, adquiri experiências e conhecimentos que não seria possível se não estivesse ingressado na faculdade.

2 CULTURA POPULAR NO PROJETO PEDAGÓGICO

2.1 Educação e cultura: conceitos ampliados

De acordo com Santos (2006) o termo cultura por longas décadas perpassou por definições complexas, mas sempre relacionada ao reconhecimento da origem humana e suas vivências. Assim preocupações advindas para consolidação da cultura, no século XIX, inquietações do conhecimento científico, define a cultura como a diferenciação de humanos de outras espécies animais.

Apesar de todas as variações na maneira de conceber cultura, quero ressaltar que sua discussão contém tendências fortes e importantes, qual seja, que a discussão sobre cultura tem a humanidade como referência e ao mesmo tempo procura dar conta de particularidade de cada realidade cultural. Pensem também que essa humanidade não é só uma ideia vaga, pois com o processo de expansão dos centros de poder contemporâneos, de conquista e incorporação acelerada de povos e nações do estabelecimento de relações perduráveis de interdependência e de processos comuns de mudança política, a humanidade surge com força no panorama da história comum a todos, civilização mundial que cada vez mais toma corpo (SANTOS, 2006, p. 36).

Assim a cultura é caracterizada pelo conhecimento epistemológico, como o conjunto de representações do comportamento humano, resultantes de grandes conflitos, que representa a soma de elementos relevantes de um patrimônio histórico-cultural de um determinado grupo social. Dessa forma, entende-se que o termo cultura, está relacionado a compreensão das tradições e saberes de um povo.

A cultura é o resultado de grandes conflitos em meio a vários contextos diferentes de organização social, as quais registra as modificações sofridas e que se perpassam. A preocupação com o conceito cultura, dá-se basicamente pela compreensão de um povo, no que se refere suas características originais que aos poucos está desaparecendo, e, passando despercebido pelo povo do qual a pertence. “As preocupações com cultura se voltaram tanto para a compreensão das sociedades modernas e industriais quanto das que iam desaparecendo ou perdendo suas características originais em virtude daqueles contatos” (SANTOS, 2006, p. 21).

O termo cultura vai além de objetos, abrange tradições, costumes e crenças de um povo. Os objetos são denominados símbolos da cultura, porém para compreender, só é possível conhecendo a história do lugar onde vive, é essencial para construção do sujeito, pois se trata de uma história de luta, resistência que perpassaram por muitos anos.

A riqueza de formas das culturas e suas relações falam bem perto a cada um de nós, já que convidam a que nos vejamos como seres sociais, nos fazem pensar na natureza dos todos sociais de que fazemos parte, nos fazem indagar sobre as razões da realidade social de que partilhamos e das forças que as mantêm e as transformam (SANTOS, 2006, p. 9).

A cultura representa a identidade de um determinado grupo de pessoas, no entanto, não pode ser negada e nem esquecida, para que gerações futuras conheçam, se identifiquem, respeitem, valorizem, pois essa faz parte da vida do sujeito e indispensável para sua formação. “Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais passam” (SANTOS, 2006, p. 8).

Quando se ressalta essa associação da cultura com a educação, logo pensam em manifestações artísticas, como: música, teatro, a pintura, a escultura. Todos esses requisitos não deixam de ser cultura, mas para que possamos compreender e respeitar a cultura do outro, é preciso que conheçamos e prezamos pela nossa essência. A associação de cultura e o conhecimento crítico-metodológico, parte de suas experiências vivenciadas ou parte de uma vivência totalmente desconhecida e inoportuna? É o alicerce que o encaminhará para a assimilação e compreensão de novas informações lhes apresentadas? É a cultura representativa da história do seu povo, aquela baseada nos conflitos vivenciados? Cultura é todo conhecimento resultante da história e vivência de um povo, das ideias, crenças, modo de se vestir, a comida, idioma etc.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2001, p. 45).

Pode-se dizer que a cultura é toda invenção do homem que perdura e perpassa de geração para geração, e, como toda invenção, a cultura passa por modificações, como toda criação humana acarretando mudanças de um determinado grupo, porém isso não significa esquecer a essência. Assim, ao desenvolver uma pesquisa em determinado espaço é preciso entender as diversidades abrangentes aos grupos, e qual contexto se aplica aquele espaço escolhido e os aspectos inerentes a esses territórios e comunidades tradicionais, suas manifestações representativas, história de luta, resistência e permanência. Muitos aspectos se diferem de uma comunidade para outra ou de um território para outro. Com o educador não é diferente, talvez seja um trabalho ainda mais árduo, pois tem como função relacionar

diferentes contextos sem que perca a significação, deixando claro no que se aplica o papel do educador.

[...] A significação é obra de vontade. Esse é o segredo do ensino universal. É também esse o segredo daqueles que são chamados gênios: o trabalho incessante para dobrar o corpo aos hábitos necessários, para ordenar à inteligência novas ideias, novas maneiras de exprimi-las: para refazer intencionalmente o que o acaso produziu e transformar circunstâncias infelizes em boas ocasiões de sucesso (RANCIÈRE, 2002, p. 65).

A escola tem como alternativa rever suas ações e o seu papel no aprimoramento da sua prática educativa, sendo que, uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual e principalmente colocar-se na posição de organização e evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade, cumprindo assim sua função de transformar e idealizar conhecimentos científicos, tendo como pauta o resultado de suas ações em saber concreto.

Falar da cultura popular do povo Kalunga, é falar também das relações étnico raciais, que por conseguinte abrange a promoção do conhecimento, a elevação do saber, bem como compreender atitudes e valores que leva o sujeito a se tornar um cidadão capacitado a avaliar, negociar e indagar sobre diferentes aspectos inerentes a sociedade.

A cultura popular local, por ser oriunda das relações profundas entre a comunidade do lugar e o seu meio (natural e social), simboliza o homem e seu entorno, implicando um tipo de consciência e de materialidade social que evidencia o grau de afeição ou apego a um lugar; esse é um fator de extrema importância para o desenvolvimento local, posto que permite a configuração da Identidade do Lugar e de sua população. Portanto, a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a individuação e a auto-estima diante do Outro, numa busca de desenvolvimento originário de sua própria criatividade e conforme os seus valores, porque é por intermédio da cultura que o indivíduo e a sociedade interagem com o mundo à sua volta (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2016, p. 36).

Desse modo, cada cidadão por meio da educação e suas relações sociais, conhece e luta para a garantia dos direitos legais que amparam a humanidade.

2.2 Cultura popular e prática pedagógica

O foco deste trabalho está na busca de reconhecimento e conscientização para a valorização e permanência da cultura local de comunidades Quilombolas no território Kalunga. Diante de um longo período de observação em algumas comunidades quilombolas,

inspirei-me no autor Paulo Freire que fala em seus escritos do livro *Pedagogia da Autonomia*, no qual defende que o “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” e pelo ensino baseado nas apreensões da realidade do educando.

Dessa forma considere relevante trazer também como referencial teórico, o autor Moacir Gadotti, em “A Boniteza de um Sonho Ensinar-e-aprender com sentido,” que traz elementos essenciais para a compreensão do papel do educador e suas ações. Assim é de suma importância ressaltar que Gadotti traz algumas críticas aos sujeitos em formação docente, para que desenvolva ações que valorize sua profissão, procurando mostrar para sociedade o “sentido” do papel do educador. O professor deve interagir com seus alunos refletindo sobre sua prática e direcioná-la diante da realidade em que se encontra, voltada as necessidades do aluno, em busca de um aprendizado estimulante.

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2017, p. 58).

Diante disso, é considerável de suma importância chamar atenção pelo que os autores e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) propõe que seja trabalhado nas escolas. Ambos os documentos presam pela prática pedagógica que atrele a realidade do aluno aos diferentes contextos abrangentes e relevantes para a formação do sujeito como cidadão crítico, criador de suas próprias opiniões, defensor de seus direitos e acima de tudo ter respeito mútuo por todas as criações do homem.

Com base nos autores tidos como referencial teórico, é possível perceber que um indivíduo para se formar como um cidadão democrático, é preciso conhecer sua história, respeitá-la, para que respeite a história e a cultura do outro, mesmo não gostando. Dessa forma, mesmo que os educadores não pertençam ao mesmo contexto social do educando, deve respeitar suas vivências e experiências adquiridas a partir delas.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), na educação básica é necessário que sejam trabalhados os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo eles, “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se”. Assim sendo, é de suma importância que esses direitos sejam amparados e desenvolvidos na educação básica, pois são essenciais

para a compreensão e desenvolvimento de diversos fatores como: político, sociais e culturais, favorecendo para uma formação de sujeito críticos e democráticos.

Em tal processo, atividades, ações, reações, limites, qualidades, dificuldades, facilidades, sentimentos - o outro lado do que normalmente se mostra - podem vir à tona, manifestando-se e indicando um profícuo caminho de aprendizagem; caminho que, ao ser trilhado, amplia o olhar: à medida que eu me vejo, posso melhor ver e compreender o outro (OSTETTO, 2012, p.129).

De acordo com o autor, constantes desafios é notório diante as várias ações desenvolvidas no âmbito educacional, por isso é de suma importância para o fortalecimento e ampliação de conhecimentos o reconhecer do próprio sujeito como um ser histórico, é necessário que o indivíduo trilhe e conheça a si mesmo para melhor compreender e entender diferentes realidades.

Os autores aqui trazidos clamam pela valorização do educador, mas também os crítica por não desenvolver ações que defina a importância de sua profissão, assim como também deixam a desejar quando se trata de desmitificar ideologias criadas e alimentadas pelos educandos e a sociedade, à respeito da educação.

[...]Uma das implicações mais perversas para os alunos, principalmente aqueles oriundos de contextos culturais habitualmente não valorizados pela sociedade e pela escola, é a excessiva distância entre suas experiências socioculturais e a escola, o que se traduz em elevados índices de fracasso escolar e na multiplicação de manifestações de desconforto e mal-estar em relação à escola (CANDAU, 2014, p. 39).

No primeiro capítulo do livro de Gadotti “Por que ser professor?”, Gadotti coloca um exemplo da desmotivação e desvalorização do Pedagogo, pelos próprios formandos na área. Deixando de acreditar na capacidade do educador e assim despercebendo sua importância para a educação e formação de cidadãos democráticos e responsáveis, defensores dos direitos humanos. Desacredita no seu potencial de enfrentar os desafios que surgem na sociedade. É dever do educador, criar possibilidades de enfrentamento e superação aos desafios impostos pelo contexto, trazendo para si e seus alunos aprendizados e resultados positivos e representativos da sua coragem e audácia de criar caminhos para uma formação de sujeitos críticos, participativos e responsáveis.

Hoje vale tudo para aprender. Isso vai além da “reciclagem” e da atualização de conhecimentos e muito mais além da “assimilação” de conhecimentos. A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. As consequências para a escola, para o professor e para a educação em geral são

enormes: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo; saber articular o conhecimento com a prática; ser aprendiz autônomo e a distância (GADOTTI, 2003, p. 16).

Dessa forma, é inadmissível não trazer planos e políticas que defendam e proponham melhoramentos na educação, baseada em relações sociais e produções culturais, englobando a realidade do educando, sem deixar de pensar nas modificações sofridas na sociedade, dentre elas o avanço das tecnologias. Modificações relevantes para aprimoramento e ampliação de horizontes, mas para isso, é preciso uma boa base e princípios inerentes a formação do sujeito. Assim saberá utilizar desses novos meios de informações e comunicações com plena responsabilidade, para aquisição e ampliação de conhecimentos.

De acordo com Gadotti (2003) é notório atualmente, sujeitos em formação na área da educação e até mesmo atuantes em sala de aula, dizerem que vão procurar trabalhar em outra área que não seja a sala de aula. É claro que escolher a área pela qual deseja trabalhar é um direito de qualquer cidadão, porém há um grande problema sendo gerado. Os professores estão esquecendo da finalidade de ser um educador, como colecionador e mediador do conhecimento, devem estar sempre preparados para o novo, exercer sua função, pensando nos desafios que essa profissão lhes impõe, e buscar e apontar caminhos para os sujeitos em formação.

Assim como toda criação humana, nós como sujeito em construção, somos modificados no que consiste o “aprender”, pois a cada tempo vivido, a cada vivência nova é um novo aprendizado. Isso faz parte do papel do educador. Estar sempre aberto a novos aprendizados, mas não esquecendo da essencialidade. Quando falamos em essência, falamos do “sentido”, a finalidade daquilo que estamos fazendo. É saber por que fazer, como fazer e para quem fazer. Esses são fatores relevantes a serem pensados pelos profissionais de educação.

Em sua essência, ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária (GADOTTI, 2003, p. 15).

Os participantes da formação básica, não tem as devidas preocupações com o processo ensino aprendizagem da educação infantil. Para uma formação de professores é preciso

reconhecer as circunstâncias e trabalhar a partir delas. De acordo com Ranciére (2002) a formação de docentes deveria ser um processo emancipatório que ocorre pela ação autônoma do conhecimento, para se promover os saberes e a elaboração crítica da realidade atual. Os educadores muito se dedicam, mas não sabendo bem qual caminho seguir para a emancipação. Um caminho por qual o aluno deverá percorrer, lembrando que a matéria de ensino é o meio pelo qual facilita esse processo de desenvolvimento da educação. Diante disso, busca-se sair desse processo de estagnação buscando melhoria no trabalho educativo, priorizando a relação entre ambos com a probabilidade de um maior aprendizado.

Na verdade, a curiosidade ingênua que “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência (FREIRE, 1996, p. 35).

Segundo Freire (1996) o saber do senso comum é uma curiosidade ingênua que se associa a curiosidade do saber crítico e metódico, possibilitando assimilação, aquisição e evolução do conhecimento, promovendo uma formação de sujeitos críticos que prezam pela sua essência. A formação para prática pedagógica, deve sempre ser colocada como a formação organizadora do conhecimento. Para ensinar, é preciso se atentar as minúcias do planejamento, exercer o papel de sujeitos organizadores e mediadores que prezam por um aprendizado constante, baseado no saber concreto.

A curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 1996, p. 32).

Partindo do pressuposto de que, não podemos imaginar o futuro da humanidade sem educadores, pois somente eles têm a capacidade de transformar o saber do senso comum em saberes críticos e conscientes promovedores da formação de pessoas ativas. Somente o educador advém de especificidades para a assimilação e formulação de saberes, e, competências necessárias para atuar como mediador do conhecimento. Os educadores são capazes de assimilar todo tipo de informação e formular ideias para a promoção do conhecimento construtivo e produtivo para a sociedade. Por isso a importância de unir o senso crítico metodológico a não “ruptura” do senso comum.

A prática pedagógica deve sempre estar relacionada com a identidade, se adequando as experiências vividas e oportunizando sua expressão, considerando as informações relevantes para construção do processo ensino aprendizagem contribuinte para a formação de cidadãos democráticos e críticos, conhecedores dos seus direitos e deveres.

A formação cultural de professores é parte do processo de construção da cidadania, é direito de todos se considerarmos que todos – crianças e adultos – somos indivíduos sociais, sujeitos históricos cidadãos e cidadãs produzidos na cultura e produtores de cultura. Cidadãos que têm direitos sociais, entre eles o direito à educação e à cultura (KRAMER, 2005, p. 24).

Armazenar e conservar experiências vividas e adquiridas pelos nossos ancestrais é manter nossa identidade viva. Dessa forma, a escola pode contribuir como meio de mediação e transmissão desses saberes. É partindo desses pressupostos que considero extremamente importante trabalhar nas escolas quilombolas Kalunga a cultura popular das comunidades locais, pois é imprescindível resgatar, entender e relembrar memórias, quando estas não estão sendo devidamente valorizadas e ensinadas nos ambientes familiares da comunidade. São essas memórias que dão sentido as práticas culturais presentes nas comunidades tradicionais, mais precisamente falando, das manifestações culturais do povo Kalunga que são passadas de geração para geração.

[...] memória é o ato de guardar experiências vividas e obtidas ao transcorrer da nossa vida. Da mesma forma que armazena e conserva, também pode retomar registros que foram vividos em outros momentos. Esse significado também pode ser aplicado à memória cultural, em razão que a partir do momento em que o indivíduo interage com a sociedade em que vive, adquirindo conhecimentos com vivências, passa-se por aprendizagens e especialidades desse mecanismo de inter-relação trazendo para ti o pertencimento, o mesmo registra e armazena determinada informação (MOREIRA, 2021, p.14).

Dessa forma, recordar é tão importante quanto a prática cultural, é essencial e preciso para que se mantenha viva a identidade de um povo, pois através da memória que se perdura e vai passando dos mais vividos aos mais jovens. Como esse é um trabalho específico e referente à educação básica, acredito que nada se constrói sem uma base sólida, posto isso, tendo como pressupostos experiência própria e relatos de meus anciões e jovens referente a preservação e fortalecimento das práticas culturais que resultou neste trabalho em prol da socialização de saberes entre alunos, professores e membros das comunidades.

Acredito ser importante avançarmos com o nosso conhecimento, não devemos nos prender somente ao nosso saber próprio, mas também prezar pela preservação deles, pois são

esses a ponte para o conhecer constante em diversas instancias. Diante disso, ênfase e reafirmo a importância do papel que a escola exerce na vida do sujeito. A escola desenvolve o papel de formar cidadãos democráticos, contribuirá, portanto, para o processo de humanização.

[...] a escola, embora não seja o único espaço de preservação e manutenção cultural, possui por sua natureza um papel significativo no que se refere à cultura local. O espaço escolar é um dos óculos por onde as crianças enxergam o mundo, ou seja, o que e como enxergam pode colaborar ou não com sua construção identitária, a manutenção da memória e a valorização de sua cultura (NASCIMENTO, 2017, p.155).

Diante do que se entende por cultura e prática pedagógica, segue então o raciocínio lógico de que a educação é o meio que promove a cidadania. Partindo desse pressuposto, é no âmbito escolar que identifica as diversidades culturais de diferentes contextos. O papel do educador é enfatizar o conhecimento utilizando de vivências e experiências do cotidiano, confrontando o aluno a instigar, pesquisar, avaliar as diferenças que há entre um contexto e outro. Assim fortalece seu processo de enraizamento, como também promove o processo de raciocínio lógico da criança.

Partimos da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nas culturas da humanidade e, particularmente, do momento histórico e do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, isto é, em que nenhum traço cultural específico a configure. Existe uma relação intrínseca entre educação e culturas. Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação (CANDAU, 2014, p. 36).

De acordo com Candau (2014) a promoção do “multiculturalismo” é eficaz para ampliação do conhecimento as diversidades culturais inerentes a sociedade, formando sujeitos democráticos que fazem uso de seu processo dialético envolvendo-se com questões pertinentes a sua identidade e “políticas de igualdade”. Partindo dessa ideia, é possível afirmar que o âmbito escolar, é um espaço pelo qual se agrega o “multiculturalismo” e a “interculturalidade”, fazendo que o educando reconheça os valores voltados a sua cultura e a do outro, respeitando as de forma mútua. As comunidades em pesquisa fazem parte de um processo histórico-cultural representativo da identidade dos Quilombolas Kalunga, construída por meio de práticas de resistência.

Para que a escola do campo contribua no fortalecimento das lutas de resistência dos camponeses, é imprescindível garantir a articulação político-pedagógica entre a escola e a comunidade por meio da democratização do acesso ao conhecimento científico. As

estratégias adequadas ao cultivo desta participação devem promover a construção de espaços coletivos de decisão sobre os trabalhos a serem executados e sobre as prioridades da comunidade nas quais a escola pode vir a ter contribuições (CALDART; PEREIRA; ALENTEJANO; FRIGOTTO, 2012, p. 330).

São diversos os movimentos culturais que representa a história de luta e resistência, trazendo em seus gestos e práticas, a reminiscência.

Resistir para nós Kalunga não é só um ato de resistir a uma situação, resistir, é lutar pela vida, pelos direitos fundamentais, é lutar todos os dias para se sentir parte. Resistência vai muito além do sentido de lutar pela liberdade da escravatura, porque não foi só a luta pela liberdade da escravidão que nos resistimos. Temos resistido a diversas investidas do governo que aí está posto, a preconceitos, a tentativas de destruição do patrimônio cultural e imaterial, portanto, resistir para nós é um modo de viver e não se render. Quero esclarecer, então, que resistir, não é apenas no sentido de lutar, mas também de nos tornarmos seres, pessoas e culturas resistentes, em razão que não é qualquer coisa que nos faz parar de continuar resistindo (MOREIRA, 2021, p. 17).

Para autora, oriunda do quilombo Kalunga de Monte Alegre de Goiás, a identidade desse nosso povo, se resume em “resistência”. E é isso que nos mantem vivos e lutando por aquilo que acreditamos e pelo que faz parte de nós. É importante ressaltar que conhecer diversas e diferentes culturas, se adequa ao conceito de interculturalidade, onde um indivíduo pode apreciar uma cultura que não pertença as suas raízes e até mesmo interagir, pois prezar pela sua cultura, não significa ignorar todas as outras. “Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los constitui um exercício fundamental” (CANDAU, 2014, p. 38).

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (MOREIRA; CANDAU, 2003, p.160).

Para Nascimento (2017), a escola, mais precisamente falando, os professores e professoras responsáveis pela educação básicas de nossas crianças, deveriam se atentar mais aos saberes e fazeres, que os levam à aquisição de ideias pertinentes relacionadas ao cotidiano da criança. O currículo abrange a diferentes contextos e fica com essa responsabilidade então, o professor, de preencher lacunas do currículo criando “possibilidades de melhor aquisição do conhecimento social, cultural e político”.

[...] entendo que o reconhecimento do papel da escola passa indubitavelmente pela formação docente, as professoras e professores que atuam nas escolas quilombolas necessitam de subsídios epistemológicos, teóricos e curriculares que vençam a grande dificuldade de desenvolverem suas atividades tendo o local como vasto campo de possibilidades. O currículo não opera em determinadas esferas, nega e negligencia conhecimentos e visões de mundo autênticos e legítimos, assim esses vazios podem e devem ser preenchidos por professores que, os conhecendo, possam criar caminhos e construir possibilidades de amplificação de determinadas vozes. O sujeito que conhece sua realidade, o professor que opera significativamente nesses sistemas é construtor também desse currículo (NASCIMENTO, 2017, p. 155).

A história oral também faz parte da cultura popular do povo quilombola Kalunga, considerando que a cultura desse povo é voltada para fé. Isso implica em diversos métodos utilizados pelo o povo para que permanecesse a essência dos mesmos. Assim a oralidade é representada pelas rezas, os cantos, histórias cantadas, as adivinhações e outros. Desse modo, é muito significativo que a escola saiba adequar o currículo de forma com que atrele os acontecimentos oportunos do cotidiano com as atividades curriculares.

2.3 Relação-professor e aluno

Desde as séries iniciais, a formação política dos professores interfere muito no processo ensino aprendizagem. O professor precisa interagir com os educandos, sabendo distinguir a necessidade e capacidade de cada um. De acordo com Freire (1996) ser educador exige “responsabilidade ética” a qual sua formação faz parte, pois no âmbito escolar lidamos com educandos com especificidades e dificuldades diversas, trazidas as vezes do cotidiano. Muitos educadores acreditam que para serem bons profissionais, não devem ter afetividade com seus alunos. Contudo, ser afetivo é uma das qualidades que se agrega ao educador. Deve sim apropriar se de uma postura de autoridade, para que os educandos saibam que na sala de aula devem respeitar regras, o que não os impede de terem uma relação de respeito e apreço entre ambos.

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p. 159).

Segundo Freire (1996) ser educador, exige que sejamos afetivos, alegres, capazes de ensinar agregando nossa formação científica aos saberes e vivências do educando, e sobretudo ter domínio daquilo que se ensina. O sistema educacional enaltece a tecnologia e isso talvez seja outra falha que ocorre com a educação. Com a chegada das tecnologias os denominados educadores sociais das comunidades estão perdendo espaço na sociedade. Os jovens estão se dispersando dos fatores essenciais e representativos de sua identidade para se encantar com o novo, outras culturas, outros costumes, totalmente fora da realidade. O que não é errado, pois ampliar o conhecimento e sempre estar apto a conhecer algo novo é muito bom, porém o ideal é que não deixassem de acreditar na força e o poder que os movimentos e acontecimentos dos quais dizem muito de quem somos.

A mídia está tomando o espaço dos mestres do saber do Quilombo Kalunga. Isso devido acredito ser pela falta de diálogo entre as pessoas das comunidades com os jovens e crianças para que seja reforçado esse laço maior que é a história de nosso povo. Cabe a essas pessoas criarem um espaço de socialização dos saberes. E esse espaço é na escola, o meio ideal para se trabalhar a interculturalidade. É o meio que juntamente com a comunidade em um momento para troca de saberes, corresponde as expectativas da construção de uma sociedade que preze por uma educação democrática, que possam articular, instigar e compreender a diferença entre identidade e igualdade.

Por meio de livros e conhecimento popular se aprimora a capacidade crítica de um educando, que se interesse em saber mais sobre o lugar onde vive, as culturas, costumes, quando e como surgiu, essas são questões que só é possível responder por meio de uma pesquisa com pessoas que vivenciaram os acontecimentos deste local. Dessa forma, poderá também ampliar os conhecimentos gerais por meios de materiais didáticos.

Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois – preciso trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar (FREIRE, 1996, p. 25).

A força da relação professor-aluno é significativa e produz resultados variados nos indivíduos.

O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que faz dos seus alunos. Ele deixará de ser um “lecionador” para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem (GADOTTI, 2003, p. 16).

Portanto, o professor deve interagir com seus alunos refletindo sobre sua prática e direcioná-la diante da realidade em que se encontra, voltada as necessidades do aluno, em busca de um aprendizado estimulante. Diante disso, deve haver sempre a formação continuada que se dá de maneira reflexiva e buscando sempre o melhor meio para a aplicação do conhecimento e do saber. O ensino do professor deve ocorrer de maneira com que o aluno consiga compreender o que está sendo transmitido, para que o aluno atribua a ele os fatos importantes podendo questionar e expor sua opinião, contra ou a favor daquilo que lhe é exposto.

Dessa forma poderá surgir cidadãos aptos a participar das questões, sociais, políticas e econômicas, fazendo valer seus direitos. Os educadores precisam desenvolver nos educandos a capacidade de conhecer, constatar, compreender, explicar e agir no meio. O desenvolvimento depende da aprendizagem.

Pensar certo - é saber que ensinar não é transferir conhecimento, é fundamentalmente pensar certo - é uma postura exigente, difícil, as vezes penosa que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos (FREIRE, 1996, p. 54).

Desse modo, os professores devem ter perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais e culturais, saber relacioná-los de maneira propícia a resultados positivos. Segundo Freire (1996) “pensar certo” impõe ao educador a respeitar os saberes dos educandos, aprendidos no cotidiano, mas o mais importante é compreender e interagir com seus alunos a relevância desses saberes e adequá-los aos conteúdos de ensino.

As universidades pregam por uma formação de pedagogos que saiba criar as condições de existência, pois os educandos dependem das condições objetivas da existência, de leis sociais históricas para além das leis biológicas, químicas e físicas.

A escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 160).

O educador precisa ser autêntico, confiante, ter iniciativa para seguir uma linha que exige constante aperfeiçoamento à sua prática educativa, sendo um tomador de decisões, mas, dando a liberdade de expressão para os alunos, para que haja um entendimento e compreensão daquilo que se passa. A escola é um lugar de vasto conhecimento e concretização deles. E para isso, é indispensável a presença do professor para direcionar o aluno. “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 29).

2.4 A qualificação de professores

A qualificação do profissional da educação, deve estar sempre voltada para as formulações de ideias que se exige da sua formação e função. É imprescindível a busca por uma formação continuada, onde se preze pela revisão de elementos construtores do conhecimento histórico-crítico e epistêmico atualizado.

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 1996, p. 60).

Diante do exposto, conclui-se que o amor pelo educar deve ser maior que o medo de fraquejar perante os desafios nos impostos pela sociedade. Um dos elementos principais do aprender constante, é a reflexão sobre a prática, pois esse ato reflexivo vai além dos muros escolares, possibilitando uma análise profunda e consciente sobre o contexto social atual, com um único propósito, promover a emancipação e nortear sujeitos em formação. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

Vale ressaltar que, para a aquisição, organização e aplicação do conhecimento à prática pedagógica, é relevante a troca de saberes entre educadores ou grupos sociais. “A nova formação do professor deve basear-se no diálogo e visar à redefinição de suas funções e papéis, à redefinição do sistema de ensino e à construção continuada do projeto político-pedagógico da escola” (GADOTTI, 2003, p. 32). O exercício dialético é o meio de grande eficácia, seja no âmbito escolar, na vida social e assim sucessivamente. É o meio que

permite a aquisição de conhecimentos, ampliação, troca e exposição. Sendo esse o maior responsável pela constituição do senso crítico do sujeito. O meio educacional precisa sair da mesmice e perceber que necessita de melhoria na qualificação de professores, pois o desenvolvimento das crianças depende de uma boa base, e esta, se não for trabalhada com qualidade, interfere no processo ensino aprendizagem.

Os educadores precisam desenvolver nos educandos a capacidade de conhecer, constatar, compreender, explicar e agir no meio. O desenvolvimento depende da aprendizagem. Ser educador, não é apenas ter esse título, não é esbanjar diploma, é ser capaz de arcar com seu dever de mediador do conhecimento. É colocar em prática todo seu potencial, é criar, inovar.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996, p. 28).

O ensino oferecido pelo sistema escolar brasileiro, uma base comum para todos, tem objetivos que estão difíceis de serem alcançados, presam pela melhoria do ensino fundamental. Mas a qualidade de ensino é insuficiente. A formação dos educandos muitas vezes é restrita à teoria, resultando em enfrentamento de dificuldade quando assumem uma sala de aula. Vale ressaltar que a teoria é sim importante, mas deve ter uma parceria com a prática. Ser professor, não é somente expor informações sobre as disciplinas das quais são capacitados e atuantes, mas sim, semear conhecimentos gerais do cotidiano. É entender as práticas sociais de cada sujeito.

É ser um mediador do conhecimento, possibilitando a iniciativa, a criatividade e criticidade do educando. Com proposição de argumentos e solução para situações inesperadas que acontece em salas de aulas, ou até mesmo na sociedade, que consequentemente afeta o convívio social e meio educacional. Como o atual momento pelo qual vivemos de pandemia do covid-19.

A educação exercida nas comunidades tradicionais, sobretudo as comunidades quilombolas, poderia ser uma formação emancipadora, porém não são benéficas de investimentos propícios para que as comunidades rurais tenham o prestígio de terem representantes com o apoio e suportes adequados, contribuintes para uma formação de qualidade.

[...] a formação de professores da educação básica, seja inicial ou continuada apresenta significativas ausências, lacunas e silenciamentos no que se refere ao protagonismo, a resistência, ao significado do movimento negro e a necessidade de formação política dos professores quanto a valorização do negro na sociedade (NASCIMENTO, 2017, p. 155).

A qualificação continuada é de suma importância para se desenvolver uma educação de qualidade, porém nas comunidades em pesquisa, os professores atuantes não são formados na área, apenas o ensino médio, o que não os impede de desenvolver um ótimo trabalho, mas para isso precisam também do apoio da secretaria de educação que é a responsável pelo funcionamento de todas as escolas das comunidades Quilombolas Kalunga, inclusive as em pesquisa.

Ser educador é muito mais que exercer sua função dentro da sala de aula. O professor não pode ser um mero executor do currículo oficial e a educação já não é mais propriedade da escola, mas de toda a comunidade. O professor, a professora precisam assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária (GADOTTI, 2003, p. 25).

É se considerar que o professor é um tomador de decisões e mediador do conhecimento e que deve propor ideias inovadoras que favoreça com que o educando tome consciência do processo histórico construtor de sua identidade. Para isso, é importante que toda gestão pedagógica se envolva e dedique a essas ações em prol da “tomada de consciência”, ideia proposta por Candau (2014), reconhecer e perceber a importância da identidade cultural para o processo de formação do sujeito.

3 ETNOMETODOLOGIA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

3.1 Dimensões da etnometodologia

Esta pesquisa transcorre no território quilombola-Kalunga de Monte Alegre de Goiás, nas respectivas comunidades Sucuri e Tinguizal e envolve duas escolas situadas nas comunidades em pesquisa. Desse modo, analisar o envolvimento da prática pedagógica com as manifestações culturais locais em prol de sua valorização e permanência se tornou inquietação que me levou a traçar alguns trajetos essenciais para este trabalho. [...] “a etnometodologia se funda sob o estudo do raciocínio prático do cotidiano, buscando a partir desde conjunto de evidências reconstruir uma explicação da realidade observada” (GUESSER, 2003, p. 163).

Esta é uma pesquisa caracterizada qualitativa, partindo da metodologia de pesquisa teórica, documental sobre as escolas por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP) e pesquisa de campo, com observações e entrevistas, com os professores e pessoas das comunidades das respectivas escolas.

A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos entendido aqui parte da realidade social, pois o ser não se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

Conforme dito anteriormente, algumas etapas pertinentes e significantes para a comprovação de dados e sistematização dos resultados, foram desenvolvidas e perduraram durante todo o desenrolar dessa pesquisa, como: observações continuadas, pesquisa de campo e análise documental. Diante disso, por meio de minha experiência e vivências, usei de todo meu conhecimento adquirido, para propor soluções advindas de inquietações que provocaram o desenvolvimento dessa pesquisa: a desvalorização da cultura popular do quilombo Kalunga.

Grada Kilomba corrobora na defesa da subjetividade no contexto da produção acadêmica quando afirma que demanda “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidades específicas – não há discursos neutros” e prossegue “Quando acadêmicas/os *brancas/os* afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não

estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante” (KILOMBA, 2019, p. 58). Nesta dinâmica para que "torne-mo-nos sujeitos", Kilomba (2019, p. 29) retoma bell hooks quando entende sujeito como quem "têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias".

Eu sou quem escreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. O poema ilustra o ato da escrita como um ato de tornar-se² e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história (KILOMBA, 2019, p. 28)

Por ser oriunda do quilombo, obtive vantagem no que consiste ao conhecimento da área de pesquisa, mas me surpreendi com o fato de muitas pessoas da comunidade se manifestarem insatisfeitas com a desvalorização da cultura, então desabafaram e pontuaram suas angústias e preocupações com submersão das manifestações culturais locais. Como já citei anteriormente, proponho fazer com que outras crianças, jovens e adultos como eu, tenha a consciência de sua identidade e sua importância para a constituição como sujeito, cidadão democrático, crítico e social.

Para propor a “tomada de consciência” tive como base teórica, Candau (2014). Assim utilizei do meio investigativo da entrevista para entender os métodos dos professores em desenvolver ações em prol da valorização da identidade cultural. Desse modo, organizei um roteiro de entrevista para as professoras de escolas da comunidade e para outras pessoas da comunidade. Tais entrevistas que foram de suma importância para análise e sistematização dos conhecimentos aqui apresentados.

No total, foram entrevistadas oito pessoas. São elas:

- Evangelina da Silva Santos, 38 anos (professora na Escola Municipal Tinguizal);
- Ivanete Moreira Pereira, 31 anos (professora na Escola Municipal Sucuri);
- Brasilina dos Santos Rosa, 72 anos (parteira há 35 anos e mestre anciã da comunidade Tinguizal);
- Marcos da Silva Santiago, 20 anos (jovem da comunidade Tinguizal);
- Maria Helena Serafim Rodrigues, 33 anos (liderança e mestre aprendiz da comunidade Tinguizal);
- Severino da Silva Santiago, 50 anos (liderança da comunidade Sucuri);

- Eva de Castro Santos, 45 anos (mãe de uma aluna da Escola Municipal Sucuri;
- Divânia Deltrude Moreira, 25 anos (pedagoga pela UFT-Arraias, professora da Escola Municipal Areia e moradora da comunidade Sucuri).

Todos os envolvidos consentiram em participar de forma livre e esclarecida desta pesquisa e permitiram a exposição de seus nomes neste trabalho.

3.2 Descrição do campo de observação

A pesquisa foi realizada nas comunidades Sucuri e Tinguizal, adentradas no território Kalunga no município de Monte Alegre, localizado na região nordeste do estado de Goiás. As comunidades estão aproximadamente a 130 km de distância da cidade e possui em torno de 280 famílias e estimativa de 840 pessoas. As escolas em pesquisa são Escola Municipal Tinguizal e Escola Municipal Sucuri, situam-se nas respectivas comunidades. Atualmente, devido o período pandêmico pelo qual estamos vivendo, os professores estão atuando de forma remota, com atividades impressas que são entregues aos alunos em suas residências tomando todos cuidados necessários de prevenção ao covid-19.

De acordo com os relatos de meus ancestrais, o quilombo se dá pela fuga dos escravos de maus tratos e condições desumanas lhes oferecidas. O povo quilombolas Kalunga são descendentes de escravos fugidos que se dividiram em grupos e chegaram aos respectivos lugares, adentrados no mesmo território formando assim diversas comunidades quilombolas.

Quando falamos em Território Kalunga, nos referimos ao todo, porém algumas comunidades estão situadas em municípios diferentes. No entanto, essa pesquisa se destina a duas comunidades situadas no município de Monte Alegre de Goiás. Como podemos observar na Imagem 1, o Kalunga é dividido entre Monte Alegre de Goiás, Teresina e Cavalcante. Apesar de estarem em diferentes municípios, todos os quilombolas são parentes, uns bem próximos e outros nem tanto. Isso ocorre, devido sermos descendentes de escravos, e diante a fuga não se reuniam em apenas um lugar e sim se dividiam em grupos para evitar de serem encontrados. Viviam da caça, peixes e da agricultura e assim viveram por muitos anos até que foram descobertos e seus costumes foram se modificando, com a chegada de novos instrumentos, como a rede de pesca por exemplo.

Ao ouvir meu avô contar as histórias de como era a sobrevivência antes do quilombo ser descoberto, percebe-se a resistência desse povo em meio a tantas dificuldades e ainda assim dizerem que eram felizes. Contam sobre seus trajetos de milhares e milhares de quilômetros em busca do sal, do café, e outros ingredientes da culinária que ali na comunidade não conseguiam produzir. É triste ver hoje um filho ou neto desconsiderar o conhecimento do seu avô bisavô, ou mesmo os pais, dizendo que é bobagem, contrariando-os.

Assim sendo lhes apresento um pouco das riquezas naturais do lugar e o meio de produção dos alimentos do povo Kalunga.

Figura 2. Plantas cultivadas pela comunidade quilombola Kalunga seu sustento



Fonte: Registro da autora (2021).

Na Imagem 2 apresentam-se algumas plantas que a comunidade cultiva para o sustento da família, e nessa época do ano, mês de novembro, é também a época de plantar a roça de toco (Imagem 3) onde plantam e colhem diversos alimentos. Essa roça, na imagem abaixo, já está sendo preparada para o plantio.

Figura 3. Preparo do solo para o plantio na comunidade quilombola Kalunga



Fonte: Registro da autora (2021).

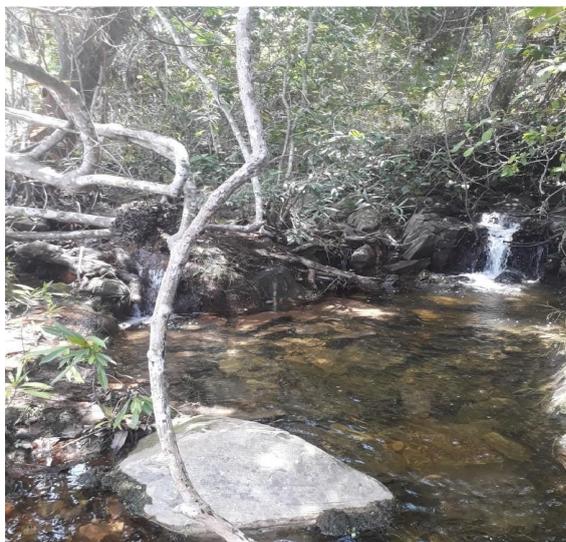
Figura 4. Coleta e processamento do buriti na comunidade quilombola Kalunga



Fonte: Registro da autora (2021).

Esse fruto acima, é o buriti. As pessoas das comunidades utilizam como alimento, geralmente na época da chuva que colhem a fruta. Fazem lanches e tira o óleo que serve como remédio para gripe.

Figura 5. Córregos que abastece as comunidades quilombolas Kalunga



Fonte: foto tirada pela autora.

Na Imagem 5 apresenta-se um dos vários córregos adentrados nas comunidades, a água utilizada pelo povo Kalunga.

Figura 6. Casa das galinhas na comunidade quilombola Kalunga



Fonte: Registro da autora (2021).

Saber que muitas das pessoas que não levaram em consideração os saberes e fazeres, conselhos e ensinamentos dos seus avós, hoje não podem mais dizer, “bem o senhor falou”, “o senhor tinha toda razão”, porque como as histórias contadas por eles, eles também existem

apenas na memória. Com a mesma simplicidade com que meu avô me ensinou a ver mundo, que escrevo, pois foi com a simplicidade que cresci, convivi, e aprendi que o importante não é saber de todas as coisas e se sim conhecê-las e saber adequá-las ao que mais importa, é reconhecer suas raízes e dar valor a ela, é nunca negar a sua essência.

Considerando que a cultura é um fator essencial para o desenvolvimento social e construção da identidade do homem, podemos dizer que as comunidades em pesquisa têm uma cultura própria, porque ainda resistem as lutas diárias, abrangendo tradições, hábitos, valores, costumes e atitudes, princípios ensinados pelos antepassados e se perdura e perpassa de geração para geração.

3.3 Dados da comunidade Sucuri

A comunidade Sucuri, é localizada no território Kalunga, e é o local onde acontece os festejos de São João, momento muito importante para todo o povo Kalunga, onde se reúnem para fortalecer as tradições do lugar. A festa acontece no mês de junho, iniciando as novenas nos dias 15 e só termina no dia 25. Esse é o momento que se reúnem todas as comunidades vizinhas, ali é possível perceber, a união de um povo transbordando saberes e fazeres. Porém também é possível perceber a falta de interesse de muitos jovens fazer com que esses costumes prevaleçam. Como em outras comunidades essa, mantém uma representatividade muito forte da cultura local nos festejos de São João.

Ao chegar no festejo, como é chamado o local onde se realiza a festa, que é mais um encontro de todas as comunidades para celebrarem seus costumes, fortalecimento de fé. Logo se vê a humildade de um povo que passou por muita luta, mas que nem por isso se tornou indiferente aos que não conhecem e nem pertencem ao local. São hospitaleiros e recebem a todos que vão conhecer o local com muito carinho.

Ainda nos festejos de São João nos deparamos com vários símbolos que representam a cultura do povo Kalunga, pois logo na chegada se encontra a igreja que é visível o mastro a sua frente. No decorrer das celebrações outros símbolos podem ser reconhecidos, como, a candeia de cera, uma espécie de vela produzida pelos que ali vivem.

Na levantada do mastro é possível apreciar as rodas de sussa que estão ficando cada vez mais escassa, pois muitos jovens não sabem dançar e outros que sabem sentem envergonhados. O símbolo da sussa é a buraca, assim denominada, uma caixa feita de couro,

usada para fazer os batuques em meio a cantoria, muitos dançam equilibrando objetos sobre a cabeça, geralmente um litro de pinga 51.

A Escola Municipal Sucuri, localizada na comunidade Sucuri, contém duas salas, e funciona com turma multisseriada, sendo somente 01 profissional responsável pelas séries de 1º ao 5º ano, 01 banheiro feminino e 01 banheiro masculino, 01 cozinha e 01 biblioteca, 02 salas e 01 dispensa. Os espaços externos das escolas são abertos. É uma escola pequena, com duas salas e sem estrutura adequada para atender e oferecer uma educação básica. Diante das observações feitas, a escola precisa de muitos reparos, pois se encontra desgastada e a aparência não favorece para um desempenho ideal para os primeiros anos do ensino fundamental.

Figura 7. Escola Municipal Sucuri



Fonte: Registro da autora (2021).

As crianças que estudam na Escola Municipal Sucuri, depois da quinta série, tendem a se deslocar para comunidades próximas, para uma escola Estadual, pois a Escola Municipal

Sucuri atende somente os primeiros anos do Ensino Fundamental e necessita de um pouco mais de atenção dos gestores responsáveis.

Na escola não se vê murais ilustrativos que incentiva a criança a se atentar as informações e digeri-las. A professora relata que já solicitou a secretaria de educação de Monte Alegre de Goiás, que é responsável por todas das escolas das comunidades Quilombolas Kalunga, materiais e equipamentos que ela irá precisar para oferecer um ensino de qualidade as crianças.

Atualmente a escola atende apenas 4 crianças e o baixo número atribuído à pandemia. A professora relata que entende os problemas causados pela pandemia, mas que precisa de apoio e suportes necessários para se trabalhar com as crianças. Pelo que foi possível perceber, a professora sempre informa aos gestores da falta de material didáticos, equipamentos que são precisos na prática pedagógica, para estimular o aluno a compreender o conteúdo em estudo, pois o educador tem que utilizar de sua criatividade e criar meios para que o aluno se interesse pela aula, pelo conteúdo.

É notório a dedicação das professoras entrevistadas nas comunidades em pesquisa. É visível a criatividade, persistência e sobretudo um desejo imensurável da professora da Escola Municipal Sucuri, em querer bem aos seus alunos. É de educadores (a) assim almejamos ter no âmbito escolar, afetivos, mas que tenha o domínio do conteúdo e de seus alunos, dando-os a liberdade de expressar, indagar, constatar e escutar.

Diante do que é posto por Freire (1996), citado no primeiro capítulo desse escrito no tópico “Cultura popular e prática pedagógica, comparo esta relação professor-aluno com a relação com que a professora da Escola Municipal Sucuri mantém com seus alunos”. Apesar de não ser formada na área, demonstra muito isso que o autor propõe que educadores sejam enquanto profissionais da educação. Agregar nossos saberes e adequá-los as vivências do educando estimulando assim a criatividade do aluno.

3.4 Dados da comunidade Tinguizal

A comunidade Tinguizal é uma das primeiras comunidades a se adentrar no território Kalunga e logo como em todas as outras se percebe a hospitalidade de um povo humilde cheio de boas intenções e sempre aptos a ajudar. Ao se adentrarem ao território, é visível o modo de vida deste povo. Ali planta-se mandioca, milho, arroz, abóbora, feijão e outros. É

dessas plantações que vivem, vendem produtos como a farinha para comprarem outros ingredientes indispensável para o sustento e para vestimenta.

Assim como outras comunidades, Tinguizal também tem suas manifestações culturais. Dentre elas, festas religiosas que são feitas todo ano, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que acontece no mês de outubro. O responsável pela festa, reúne os foliões no dia 29 de setembro e assim é oficialmente a saída da folia no dia 30 desse mesmo mês. No dia 07 do mês de outubro o remato da folia e a reza. Geralmente uma família é responsável, porém qualquer cidadão do local que se oferece para realizar o evento, é concedido a este, contando que faça tudo como de costume sem deixar nada a desejar, e para isso conta com o apoio de toda comunidade.

É na comunidade Tinguizal que se situa a Escola Municipal Tinguizal. A Escola Municipal Tinguizal oferece ensino aprendizagem na modalidade de Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, com turma multisseriada o que dificulta o desempenho das crianças, pois é somente uma professora para atender todas as turmas. A unidade escolar foi construída numa área de 321,5 metros quadrados, contendo 02 salas de aula, 01 cantina, 03 banheiros, 01 salão e um alojamento para os professores com 02 quartos e 01 banheiro. A escola é cercada e por ter um salão grande entre as salas, as vezes é transformado em ambiente de estudo.

Figura 8. Escola Municipal Tinguizal



Fonte: Registro da autora (2021).

A Escola Municipal Tinguizal por muito tempo atendeu somente crianças dos primeiros anos do ensino Fundamental, porém há alguns anos, oferta-se também outras modalidades de ensino com a parceria Estadual, oferecendo ensino aprendizagem para alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

Atualmente a escola atende a 16 alunos, sendo 2 alunos do 1º ano, 4 do 2º ano, 6 do 3º ano 1 do 4º ano e 3 alunos do 5º ano. A professora mora próximo a escola e relata que devido a pandemia, está trabalhando de forma remota com atendimento presencial para sanar dúvidas. Para atender aos alunos foi concordado entre pais, professores, coordenadores, diretores e alunos o atendimento grupal, evitando aglomeração e tomando os cuidados necessário para a proteção de todos. Quatro estudantes são atendidos por dia, até as 9:00 da manhã, devido não terem lanches para os alunos.

A professora, tem o direito e “privilégio”, de ter acesso a internet na escola, o que lhe ajuda no planejamento de atividades, porém como é uma escola grande, acredito que deveria ter mais salas disponíveis, pois é de ótima estrutura, mas faltou organização nos repartimentos de salas e sobretudo bom senso dos gestores em sobrecarregar a professora com 5 turmas, sendo que o ensino fundamental é a base para que amplie o conhecimento do sujeito e forme cidadãos críticos e democráticos. Digo “privilégio”, porque na Escola Municipal Sucuri não tem internet.

4 TERRITÓRIO E IDENTIDADE KALUNGA: A CULTURA POPULAR VIVIDA NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES

4.1 Falas de algumas lideranças Kalunga e professoras das escolas

- Evangelina da Silva Santos, 38 anos (professora na Escola Municipal Tinguizal);
- Ivanete Moreira Pereira, 31 anos (professora na Escola Municipal Sucuri);
- Brasilina dos Santos Rosa, 72 anos (parteira há 35 anos e mestre anciã da comunidade Tinguizal);
- Marcos da Silva Santiago, 20 anos (jovem da comunidade Tinguizal);
- Maria Helena Serafim Rodrigues, 33 anos (liderança e mestre aprendiz da comunidade Tinguizal);
- Severino da Silva Santiago, 50 anos (liderança da comunidade Sucuri);
- Eva de Castro Santos, 45 anos (mãe de uma aluna da Escola Municipal Sucuri);
- Divânia Deltrude Moreira, 25 anos (pedagoga pela UFT-Arraias, professora da Escola Municipal Areia e moradora da comunidade Sucuri).

Nessa sessão apresento-lhes meu exercício de curiosidade metódica, conforme a teoria de Freire, com moradores, professoras e lideranças das Comunidades Kalunga de Monte Alegre de Goiás. Assim tive o imenso prazer e privilégio de conversar com essas pessoas e aprender um pouco mais sobre o processo histórico de minha comunidade e perceber a concepção de cada um referente a compreensão da cultura local e no que a escola contribui quanto a isso e como é a relação dessas pessoas com a educação.

Para iniciarmos esse diálogo apresento as referidas representações culturais da comunidade, as quais foram citadas pela Divânia, pedagoga professora da Escola Areia e moradora da comunidade Sucuri:

Pode-se dizer que existe inúmeras manifestações culturais dentro do nosso território, onde possibilita identificar os nossos costumes e modo de vida. E uma das principais manifestações culturais existente a bastante tempo é, a Romaria de São João, que na referida encontramos o casamento na fogueira, os batizados e a folia de cipó que não se encontra tão presente como antigamente, A Folia de Santo Reis, Folia do Divino, Dia do menino Deus, Santa Luzia, São José dentre outras manifestações, lembrando que cada uma tem o seu dia e momento para celebração.

Quando pergunto como se dá o processo de resistência e subsistência dos saberes e cultura do povo quilombola – Kalunga, Divânia diz o seguinte:

A passagem de pais para filhos, ou seja, de geração em geração, as participações das crianças e jovens, para que vão participando de forma frequente e aprendendo na prática para que futuramente essas tradições venha ter continuidade e também o trabalho dentro do ambiente escolar trabalhando a cultura local. Acredito que as nossas tradições não chegam ao fim, mas entram em fase de submersão, ou seja, ela está viva na memória daquele povo, porém não está sendo praticada, mas é só alguém dar início, ou no modo de dizer, fazer a frente que a referida vai estar ali presente novamente. Acredito que o que contribui para que essas manifestações venha deixar de ser praticadas em um período de tempo ou praticada não de forma tão frequente é pela falta de interesse de nós jovens em aprender para que essas práticas venha passar a diante. Outro fator que também vem interferindo é a questão da religião. Antigamente não tínhamos igrejas evangélicas na nossa comunidade, atualmente já se encontram e muitas pessoas que preservavam essas práticas, já não preservam mais porque a religião evangélica não permite. A tradição está viva na memória, porém foi deixada de ser colocada em prática. É fundamental lembrar que os nossos jovens valorizam mais a cultura do outro do que a nossa própria cultura, fazendo com que praticamos o do outro e estamos deixando a nossa apenas na memória e deixando a prática apenas par aos anciões que é a chave principal da existência da nossa cultura e identidade.

Segundo relatos de pessoas das comunidades, os jovens estão muito dispersos e acomodados, no que consiste a cultura local do Quilombo Kalunga. Acreditam que isso se dá pela chegada da modernidade as comunidades, já que até algumas pessoas mais velhas estão mais dispersas e até mesmo não seguem os costumes e as vezes até desrespeitam de uma certa forma. Considerando a importância dessas práticas culturais para preservação dos saberes, a valorização pela memória também é essencial para representatividade de nossa identidade.

Dentre tantos conceitos representativos de nossas raízes, não posso deixar de falar de outros conceitos importantes como identidade e resistência.

[...] a educação deve valorizar a memória e os costumes da comunidade, em prol do afloramento da identidade e do fortalecimento da auto-estima. Em lugar da fragmentação do conhecimento, devem-se ampliar as possibilidades de questionamentos e interpretação, assim como o respeito à diversidade cultural, tradições e diferenças (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2016, p. 40).

A memória, é muito importante para nós, pois antes mesmo de termos acesso a escrita, já sabíamos a relevância desses saberes e significado de cada uma dessas manifestações. Os mestres do saber que assim denomino os mais velhos das comunidades, se juntavam e por meio dos movimentos culturais demonstravam sabedoria e uma fé inabalável. Assim sendo, é

importante a escola reforçar o método da oralidade, pois além de exercitar e testar o raciocínio lógico é também de grande valia compreender a reminiscência deixada pelos nossos anciãos. São através dessas experiências de recordar fatos sobre a história da qual fazemos parte, é tomarmos a consciência do significado desses movimentos culturais que permeiam em nossos corações.

Minha avó relata que antigamente na comunidade ninguém frequentavam hospitais para se consultar, nem mesmo para realização de partos. Era tudo realizado na comunidade. Os remédios também eram produzidos pelas parteiras, inclusive ela que exerce essa função com muita garra e devoção há mais de 35 anos. Ainda relata que se sente muito entristecida pelo fato de que os jovens desacreditam dos benzimentos, das simpatias.

Ter consciência da nossa identidade cultural é “instigar a valorização da cultura quilombola que se faz presente atualmente e vem dos antepassados que constituíram a história de um povo entre lutas e lutas para apenas sobreviver” (MOREIRA, 2021, p. 15). É notório o legado deixado pelos nossos antepassados que por consequência da modernidade muitas inquietações têm se levantado não só por mim, oriunda do quilombo, mas para muitas pessoas do local que pressentem em perder o de quão valioso para nós. Assim percebe que diferente pessoa com características diversas há no quilombo, mas em meio as diversidades existem algo em comum, a religiosidade, porque a nossa cultura é mais voltada para fé.

São sinérgicos os movimentos culturais do Quilombo Kalunga, o que nos leva a crer que conhecer é mais que pertencer, é um exercício dialético que deve sim ser trabalhado nas escolas da comunidade, e se trabalha, vale reforçar, pois o aprender constantes é grande valia para a construção e constituição de grandes cidadãos democráticos, cheios de capacidade crítica e de habilidades profissionais.

O que tenho constatado no decorrer dessa minha curiosidade “metódica”, com base na teoria de Freire (1996), é a falta de consciência das pessoas, crianças, jovens e adultos, no que consiste as nossas identidades culturais. Assim como eu, oriunda do Quilombo Kalunga, muitas pessoas relatam sobre a preocupação com a imersão dos movimentos culturais que antes eram muito presentes nas comunidades, mas que atualmente não parece ser tão importante para algumas pessoas do local. Desse modo, Maria Helena Serafim Rodrigues, 33 anos de idade, liderança, mestre-aprendiz moradora e oriunda da comunidade Tinguizal relata sobre o que pode colaborar para valorização da cultura local.

A única coisa que pode colaborar é a conscientização da juventude, das novas gerações, e buscar um trabalho que possa incentivar que essas manifestações

culturais, além de fazer parte da identidade Kalunga, ela é uma arte que nos representa em qualquer espaço, e que também, ela não seja vista como uma forma de discriminação. Porque quando tem uma manifestação e ela é vista como forma de discriminação fora daqui, as nossas juventudes tende a largar aquilo para aderir a outras culturas, que é o que tá acontecendo muito. Assim, a gente percebe que a juventude começa aderir novas culturas, novos conceitos de arte, novos conceitos de fé, e aí começa sair um pouco dessa identidade nossa mesmo, que traz como simbologia a fé.

Dessa forma, a jovem mulher, mãe, avó e liderança da comunidade, diz que com a chegada da tecnologia, dificultou muito a socialização dos saberes. Relata ainda que precisamos unir forças e buscar novos meios de entreter esses jovens as nossas práticas culturais. Para ela

Com a chegada das novas tecnologias, isso dificulta o repasse do saber. A gente tem que buscar novas formas, novos jeitos de fazer com que as nossas crianças, os nossos jovens comecem acessar novamente as manifestações culturais de uma forma que represente ele aqui ou fora daqui. Que ele seja quem ele quiser ser aqui ou fora.

Ainda falando sobre a chegada das tecnologias no quilombo, o jovem Marcos da Silva Santiago, com 20 anos de idade relata que “com a chegada da tecnologia, as novas gerações focaram mais ao tecnológico esquecendo de buscar a preservar nossa cultura que vem enfraquecendo cada vez mais”.

O jovem ainda fala que não está havendo o envolvimento ativo das pessoas das comunidades nas manifestações culturais. Somente algumas pessoas mais devotas aos santos se envolvem por inteiro, pois os jovens só vão aos acontecimentos para se divertirem e nem ao menos assistem as rezas. Desse modo, no desenrolar da conversa lancei uma pergunta. Existe preocupação das pessoas da comunidade no que consiste ao desaparecimento dessas manifestações culturais? Então Marcos respondeu: “Existe a preocupação de algumas pessoas, pois nem todos estão pensando no desaparecimento dessas manifestações não, principalmente as novas gerações”.

Apesar das falas do jovem de 20 anos só confirmar as minhas inquietações motivadoras dessa pesquisa, ele também acredita que a escola pode sim ser o meio ideal para contribuir no processo de valorização e permanência da cultura local. Ele ainda propõe ideias de trabalhos que poderão ser desenvolvidos nas escolas, como apresentação da sussa, de uma roda de capoeira, peça de teatro envolvendo os alunos a desempenhar o papel de foliões.

As falas do jovem coincidem com as falas da dona Brasilina dos Santos Rosa de 72 anos de idade. Ela relata que a escola tem como dever contribuir para valorização da

identidade do nosso povo, porém também é de responsabilidade dos pais ensinarem seus filhos em casa, porque segundo ela, antigamente os pais ensinavam para seus filhos tudo que aprenderam com seus ancestrais. Atualmente não se importam mais com isso. Então a dona Brasilina diz que:

Antigamente, o povo respeitava os seguimentos dos mais veio. Antigamente nos dias grande, os maridos não dormiam com as mulheres, não dormiam em colchão, tirava da cama. O povo rezava todo dia, hoje não faz isso mais. Nas folias os folião não podia dançar e nem dormir mais as muié. Hoje não respeita mais nada e o resultado ta aí, morte todo dia, porque o povo não tem fé em mais nada.

Diante das falas dos sujeitos envolvidos, é possível perceber algumas contradições, no que consiste a percepção da conscientização da valorização e preservação da cultura local. Para alguns a participação das comunidades em geral, é satisfatória, porém sabemos que há controversas. É visível sim, o índice satisfatório de pessoas nos acontecimentos, mas o que busca aqui entender, é se essas pessoas estão contribuindo de alguma forma com a valorização e permanência da cultura ou esse aglomerado de pessoas estão ali apenas se divertindo, não respeitando os seguimentos que exige os acontecimentos.

É comum opiniões diversas, mas algumas pessoas apenas não se atentaram que se não agirmos em defesa de nossos direitos, em defesa da manutenção a historicidade da nossa identidade, essa poderá a vir fazer parte de um processo de submersão, como tantas outras.

Ao processo de conhecimento da identidade cultural do local agrega-se, de forma indissolúvel, a necessidade do acesso da população à educação, à qual compete contemplar o conhecimento científico e a reflexão acerca das experiências e conhecimentos, tanto globais quanto locais (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2016, p. 40).

Ainda falando dos efeitos causados pela tecnologia Divânia diz que:

Percebe-se que não conseguimos ter um controle ao utilizar as novas tecnologias que nos foi concedidas. Porque não tivermos uma preparação antes, foi chegando aos poucos e o tradicional dá a impressão que é difícil, é complicado. Então, utilizar o novo, o mais fácil e o mais rápido chegaremos sem tanto esforço, mas também não aprendemos tanto quanto antigamente que era tudo rústico, criado dentro da comunidade e pelo nosso povo, passando de geração em geração. Por exemplo antigamente o nosso meio de comunicação era a carta, e demorava para chegar ao destinatário, hoje é o celular. E com isso perdemos a contação de história, contos, lendas pelos mais velhos a noite, ou até mesmo ao dia que era raridade, essas conversas aconteciam perto do horário de dormir. Nos dias atuais é tudo na tela, não existe mais essa conexão com os nossos anciões como antigamente e a próxima geração para conhecer esses contos tem que buscar documentos escritos por nossas lideranças relacionado ao assunto, que não é a mesma coisa de você está ali ouvindo.

Diante da fala da Divânia, recordo me desses momentos únicos de minha infância, que hoje as crianças, jovens e adultos não tem a mínima ideia do que seja. Me lembro de um aglomerado de pessoas sentadas sobre o couro, rezando pedindo proteção. As crianças eram bastante ativas e interessadas, porque os pais sempre ensinavam. Como a Divânia mencionou, o momento diálogo entre pais e filhos eram próximo ao horário de dormir, e as vezes já deitados, cada um em seu quarto, mas proseando, contando histórias e adivinhações. Momentos únicos e inesquecíveis.

A história oral das comunidades é baseada em lendas, mitos, os cantos, as cantigas de roda e claro a que tem uma representatividade muito forte para nós, a fé. As rezas é o que representa o saber da cultura popular local. Assim a Maria Helena relata:

As nossas manifestações culturais que representa a identidade do povo Kalunga, são as folias, as rezas, as danças, os cantos, os versos, as rimas que vem através dos versos, as brincadeiras de crianças cheias de simbologia de manifestações culturais. Como por exemplo, quando uma criança ia pro terreiro dançar uma sússia, tinha que cantar, meu boi, chove chuva hoje. Então não era uma simples música, traz uma representação de uma cultura, uma cultura onde o povo tem a parte religiosa, a fé. A fé é muito grande, então as manifestações culturais das comunidades Kalunga, é muito voltada para a questão da fé.

Ainda proseando com pessoas mais vividas e entendedoras das representações culturais locais da comunidade, o senhor Severino da Silva Santiago com 50 anos de idade, diz que “a escola tem o papel de reafirmar a importância de manter viva, as manifestações culturais como: os cantos, artesanatos, costumes e preservá-los”. Ainda complementa dizendo:

Na verdade, as escolas não valorizava nossas culturas, crenças entre outras. Para trazer o conhecimento científico e deixando nossas culturas, crenças e costumes. Hoje algumas escolas trabalham, superficialmente, mas já é um começo. Não quero dizer que adquirir novos conhecimentos é errado, não, mas deixar parte de nossas características real se desfazer, isso é errado. É importante conhecer e seguir tudo que foi deixado pelos nossos ancestrais, que está também na memória e que faz parte de nossa identidade.

Dessa forma a Dona Eva de Castro Santos, com 45 anos de idade e mãe de uma aluna da Escola Municipal Sucuri diz que: “eu acho que é dever dos professores ensinar os alunos a importância da cultura e incentivar eles a aprender. Essa conscientização deve ser feita na escola”. Dona Eva ainda relata que, antigamente havia uma participação assídua das pessoas das comunidades nos movimentos culturais locais, e, que tinha uma exigência dos pais quanto aos seus filhos estarem sempre presentes nas rezas, faziam com que seus filhos se atentassem

aos costumes e aprendessem. Hoje quando vão para essas representações culturais, os mais velhos vão para igreja, ou para uma sala onde é feito um altar para ali rezarem, os pais não sabem onde os filhos estão. E claro, os jovens já estão agoniados, doidos para que acabe a reza para que eles possam dançar forró. O momento do forró sempre esteve nesses movimentos, mas era tudo organizado, tudo no seu devido momento.

É inadmissível falar de história oral, quando se fala de quilombo. A oralidade faz parte da vida dos quilombolas, e foi por meio da história oral que estão seguindo seus costumes e tradições até hoje. Muitas histórias contadas pelos ancestrais permanecem na memória de alguns jovens.

4.2 Sobre os projetos pedagógicos e a presença da cultura popular

Empenho e muita criatividade é visível no semblante da professora da Escola Municipal Sucuri, mas pelo que percebi, a escola na qual ela está atuando é desprovida de matérias essenciais para educação básica e esquecida pelos gestores, pois a escola não possui nem ao menos o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Colocando em ênfase o fato de que as escolas Kalunga utilizam de um mesmo Projeto Político Pedagógico (PPP) e dentre elas, uma nem sequer possui um (PPP). Desse modo, proponho que seja criado um documento específico para cada escola, sendo analisados os fatos, vivências e experiências locais, pois são contextos diversos com alunos diferentes, dificuldades específicas e outras especificidades. Ênfase ainda a importância de criar esse documento com o apoio das comunidades locais, levando em consideração ideias relevantes e essenciais para o exercício dialógico dos sujeitos envolvidos.

É importante ressaltar que o intuito deste trabalho nunca foi em hipótese alguma desvalorizar os conteúdos curriculares, e sim uma busca pela dinâmica dos conhecimentos, saberes sociais e culturais. “Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva destes processos” (CANDAU, 2014, p. 38).

Diante das análises feitas nos documentos disponibilizados pela direção das escolas, o Projeto Político Pedagógico (PPP), a escola tem como um dos objetivos principais, “formar cidadãos críticos” para que esses sejam capazes de interagir no meio em que vivem. Assim sendo também, a escola busca oportunizar a vivência de situações que contribuam para o

desenvolvimento da criatividade da criança, mas em nenhum momento fala sobre a cultura local da comunidade.

Nos documentos disponibilizados para estudo e conhecimento dos deveres e cumprimento do trabalho pedagógico, assim como também destaca a estrutura das escolas, aponta requisitos importantes a serem seguidos e que oportuniza melhor desempenho no processo ensino aprendizagem. Um fator essencial e muito importante no meio escolar é o trabalho em equipe, e que é citado no documento, porém não é especificado nenhum tipo de ação desenvolvida usando essa metodologia. Percebe-se então que o trabalho em equipe é visado somente entre membros da escola, onde deveria ser trabalhado também comunidade e escola. Essa junção, pelo que foi observado é uma dificuldade encontrada pelos profissionais da educação básica nas respectivas escolas.

Ainda no Projeto Político Pedagógico, é notório a ausência de muitas informações importantes e essenciais em um PPP, como sua atualização, atuais profissionais, turmas atuais, e forma de atuação na pandemia, pois é o atual momento pelo qual estamos vivendo. Dessa forma, percebe-se que a falta de organização dos envolvidos no Projeto Político Pedagógico, pois consta nos documentos a importância do envolvimento da comunidade em geral, assim como também a relevância das organizações das reuniões mensais e bimestrais com toda a unidade e escolar, porém pelo que foi observado, essas informações se contradizem com a realidade.

Diante da análise documental, percebi no Projeto Político Pedagógico, um trecho que tem como enfoque uma interação constante e contínua dos saberes trazidos pelos alunos do seu cotidiano e o saber escolar. Desse modo, enfatiza também a importância da interação comunidade e escola, a qual compreende diversos fatores como: político, social e cultural, extremamente importante para o processo de constituição e adaptação de cada cidadão ao seu natural e ao social.

É prazeroso perceber que os criadores desse documento se atentaram a perceber a importância de se trabalhar as vivências e experiências dos alunos, porém triste em notar que o que é posto no documento, não acontece na realidade e se acontece, de maneira superficial, a qual não abarca a compreensão, ideias e opiniões da comunidade em geral.

[...], a escola é uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e o currículo, no seu sentido mais amplo, deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto. Isto significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações

entre os diferentes segmentos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 26).

Diante da análise documental da Escola Municipal Tinguizal, mais precisamente do Projeto Político Pedagógico, o qual especifica as atividades que são, ou ao menos deveria ser desenvolvidas no currículo educacional, que abrange as diferentes áreas do conhecimento. Percebo então, que é dada uma elevada importância aos marcos históricos e referenciais sobre a luta social, dentre outras importantes referências de luta e resistência, para a história do Brasil. Conforme o relato da professora, ela trabalha com os alunos o reconhecimento da identidade e sua conseguinte importância.

Outro fator importante é a realização das reuniões bimestrais, formações de professores e outras que acontecem na cidade, as quais acredito que seria interessante a realização dessas, na referida comunidade. Porém, é com imensa alegria que destaco uma belíssima iniciativa dos gestores, professores e funcionários em geral das escolas estaduais, inclusive também dos anos iniciais, os quais estão desenvolvendo trabalhos voltados a valorização e permanência da cultura local.

4.3 Sobre os professores

A professora Ivanete Moreira Pereira com 31 anos de idade, entrevistada no dia 23 de setembro de 2021, na Escola Municipal Sucuri, nascida e criada na comunidade Vão do Moleque do município de Cavalcante, mas atualmente trabalha e reside na comunidade Sucuri, contribui de forma prazerosa com o trabalho realizado na escola e se colocou a disposição para ajudar no que fosse preciso. Diante das observações feitas, os educadores(a) provém de muito empenho e dedicação, mas reclamam muito da assistência da gestão e também do apoio das famílias, pois precisam deste apoio para que possam trabalhar em parceria em prol do conhecimento e da valorização da cultura e identidade da comunidade quilombola Kalunga.

De acordo com a professora da Escola Municipal Sucuri, a gestão responsável pelo processo ensino aprendizagem das crianças, está sendo muito insuficiente, pois o local está totalmente desprovido de material para que ela possa exercer um trabalho de qualidade. A professora foi contratada à pouco tempo, foi aprovada no processo seletivo lançada pela

prefeitura e em seguida começou a atuar, porém relata que está tendo muita dificuldade, devido a falta de material e estrutura adequada, para atender as crianças, e sobretudo reclama sobre a ausência das famílias no âmbito escolar.

Diante da fala da professora, é possível perceber sua persistência com as famílias, tenta trazê-las para conhecer a escola e, sobretudo para que esses pais participem do processo de desenvolvimento dos seus filhos, podendo assim perceber as fragilidades do seu filho e com o apoio da professora poder ajudá-lo. Porém as famílias ainda estão muito ausente da vida escolar dos filhos.

A jovem professora, atende atualmente 4 alunos, porém relata que eram 7 alunos matriculados, mas devido a escola ter ficado sem assistência para as crianças, e as famílias sem resposta nenhuma de como estavam sendo planejadas as atividades e como seria a aplicação, pois nada foi informado, alguns transferiram seus filhos para uma escola estadual e outros transferiram para a cidade.

Dessa forma, depois de muitas reivindicações das famílias e representantes das comunidades, retornaram as atividades agora no mês de setembro de forma remota, devido a pandemia do covid-19. Foi concordado também juntamente com os familiares o atender as crianças nas escolas para sanar dúvidas e buscar aperfeiçoamento nas atividades. Atendimento com dois alunos por dia, tomando todos os cuidados com a conscientização e autorização dos pais, a professora procura buscar meios para ajudar aos alunos que estão com muita dificuldade e os pais não têm condições de ajudá-los.

A professora relata ainda que atuar na pandemia está sendo muito difícil. Por ser nascida e criada na comunidade ela se sente no dever de fazer o melhor para o desenvolvimento e aquisição de conhecimento das crianças, pois segundo ela sua infância foi muito difícil, pois não teve professores que se comprometia com a educação, com aprendizagem das crianças, e nem ao menos cumpriam o papel que se exige na função na qual se diziam atuantes.

Diante disso, se sente no dever de oferecer e buscar sempre o melhor meio de aprendizagem para as crianças, e quando nota que o aluno tem muita dificuldade, acanhado e não se abre com ela para que ela possa ajudá-lo, procura conversar com os pais para participar mais da vida escolar do filho, pois muitos não participa de nenhuma forma.

É notório a preocupação da professora com o processo ensino aprendizagem das crianças e como está se mantendo a cultura da comunidade, muitos jovens acomodados, não busca aprender e os que ainda participa das manifestações culturais não estão seguindo os

costumes como era antigamente, seguidas e realizadas ativamente pelos mais vividos da comunidade.

A professora Evangelina da Silva Santos com 38 anos de idade, entrevistada no dia 29 de Setembro de 2021 na Escola Municipal Tinguizal nascida e criada no Quilombo Kalunga. Atua a mais de 10 anos na mesma escola. Não tem ensino superior, mas sempre tentou ingressar-se em uma universidade, agora esse ano conseguiu ingressar na Universidade Federal do Tocantins no curso Educação do Campo, Artes Visuais e Música.

Para a professora Evangelina é de suma importância se trabalhar nas escolas os saberes locais da comunidade. Enfatiza ainda que a matriz deveria ser feita baseada na cultura popular da comunidade. Segundo a professora, ela trabalha a importância da cultura local com seus alunos e com seus filhos.

4.4 Sobre os estudantes

Não foi possível observar todos os alunos em sala, devido o período pandêmico pelo qual estamos vivendo, mas foi possível entrevistar mães que relataram sobre a trajetória escolar dos filhos e as professoras atuantes nas duas escolas em pesquisa que relata um pouco sobre como está sendo desenvolvido o processo ensino aprendizagem das crianças e como esses alunos se posicionam diante da cultura popular local.

As crianças sabem dizer quais são algumas manifestações culturais que acontece nas comunidades, porém compreendem apenas como festa, não como manifestações que representam suas identidades e fazem parte de sua história de vida e seus ancestrais. As crianças crescem representando aquilo que vivenciam, assim nas suas brincadeiras coletivas interpretam e constrói brinquedos representativos de suas vivências, assim eram as crianças do quilombo Kalunga, porém atualmente as crianças brincam muito pouco, não criam mais brinquedos com madeiras buritis e outros. Isso deveria ser reforçado nas escolas e pelos pais, para que essa criatividade não venha ficar adormecida e sim ampliada. Aproveitar de seus direitos como a internet para aprender algo novo e ampliar aquilo que já sabem, pois muitos só querem saber de assistir desenhos e jogar no celular esquecendo até mesmo das atividades escolares.

4.5 Sobre a participação da comunidade

Diante dos relatos é nítido que a comunidade participa da vida escolar dos seus filhos, porém muito pouco, outros não participam. Claro que existe uma minoria que sempre estão atentos ao desenvolvimento escolar do filho. Outros estão sempre ocupados.

Em relação a participação da comunidade nas manifestações culturais é notório que se importam em estarem ali no local destinado aos encontros de todas as comunidades para fortalecer os laços familiares e culturais em grande estilo, festejando de um jeito próprio e de grande significância para eles. Mas, muitos não estão atentos aos saberes que ali estão sendo ensinados.

Segundo os relatos das professoras, a comunidade em geral está sempre participando das ações e projetos que são desenvolvidos em algumas escolas estaduais do local, mas pelo que percebi durante o tempo de observação, pela quantidade de pessoas presentes nesses eventos, não inclui comunidade em geral, pois é uma minoria. Muitos alega que não são convidados pelas escolas e que nem sabem quando esses eventos acontecem e onde acontecem.

A professora da Escola Municipal Tinguizal relata que sempre procura passar para seus alunos a importância dessas manifestações culturais, mas que não criou ainda projetos em prol da valorização da cultura, porém sempre convida os pais a irem na escola e participar da vida escolar do filho.

Já a professora da Escola Municipal Sucuri, relata que como é recente como educadora nessa escola, a qual atende os primeiros anos do ensino fundamental, não criou nenhum projeto, mas admira alguns trabalhos desenvolvidos por alguns professores de escolas estaduais e que seu desejo é criar ações que desperte o interesse dos alunos em conhecer sua identidade cultural e valorizá-la. Para isso, ela espera contar com o apoio dos pais.

No entanto, a participação da comunidade nas ações escolares está melhorando, pois diante do exposto, não havia envolvimento, mas atualmente essa lacuna vem se preenchendo aos poucos e a tendência é melhorar cada vez mais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relevantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas, o desenvolvimento tecnológico e o aprimoramento de novas maneiras de pensamento sobre o saber e processo pedagógico, tem refletido principalmente nas ações dos alunos no contexto escolar. Com isso, faz-se necessário à busca de uma nova reflexão no processo educativo das comunidades em estudo.

As escolas dispensam os alunos nos dias eventuais de representações culturais, porque é o momento de grande significado para todo povo Kalunga, como: a Romaria de São João, que acontece na comunidade tradicional Sucuri. Porém, como dito anteriormente, as crianças só veem este momento de unificação e representação de identidades, como o momento ideal para se divertirem, sem se atentarem aos detalhes de grande valor para sua identidade, sendo essa, o alicerce, o ponto de partida para seu crescimento intelectual.

Diante do que foi observado durante o desenrolar do projeto e pelas experiências vividas e presenciadas, as escolas em pesquisa trabalham superficialmente a questão da identidade e cultura do povo Kalunga. A gestão responsável pelas escolas de comunidades tradicionais, instrui aos educadores a trabalhar a cultura local, porém muito pouco isso aparece no PPP das escolas. Outras escolas não têm o Projeto Político Pedagógico. Então lanço aqui uma reflexão, será possível desenvolver um bom desempenho de educando onde nem ao menos os documentos da escola se encontram plenamente estruturados e até mesmo nem existem?

Partindo das análises feita nos documentos das escolas das comunidades, a gestão responsável bate muito na tecla de falta de equipamento, o que incluem computadores, impressoras e outros. É fato que em uma escola esses e outros equipamentos tecnológicos, são de muita valia e facilita o trabalho dos educadores, sem contar que é um direito do educador, mas também não significa que não possa atender à outras necessidades básicas que o educador precisa para desenvolver o seu trabalho. Será que está tão escasso um computador na secretaria de educação de Monte Alegre de Goiás que não conseguem ao menos colocarem em dias o Projeto Político Pedagógico das escolas, ou até mesmo construir um, como é o caso da Escola Municipal Sucuri?

No entanto, é de suma importância que os gestores tenham mais consideração ao esforço dos professores (a) e os ajude nos suportes necessários para uma educação básica de qualidade. Não desmerecendo o trabalho dos educadores (a), mas é praticamente impossível

desenvolver um bom trabalho, onde apenas um professor é responsável por todas as turmas dos primeiros anos do ensino fundamental. É imprescindível que se devam dar mais atenção e consideração para a educação de nossas crianças.

É compreensível que os educadores também não saibam como trabalhar, não conhecem a cultura local ou conhecem superficialmente, pois alguns não pertencem a comunidade e os que são do local, não sabem passar adiante porque também não lhes foi ensinado. Mas conhecem pessoas da comunidade que podem ser convidadas, e, orientá-los nesse trabalho. É possível por exemplo convidar um grupo de foliões para se apresentarem, pessoas da comunidade que possa participar de uma aula de história de um tema escolhido pela turma, com indagações pertinentes e aprender mais sobre o lugar em que vive. Partindo desse pressuposto, o educador poderá elaborar atividades para os alunos referente ao que foi ouvido, comentado e apresentado.

Diante disso, enfatizo que uma escola que se compromete com a educação e principalmente em cumprir seu papel que é formar cidadãos críticos democráticos e responsáveis, precisa se atentar ao que realmente convém a sua função e fazer bem feito, oferecer ensino de qualidade e atender as demandas exigidas pelo âmbito educacional. Para que se possa construir uma base sólida e bem estruturada em prol da formação de sujeitos conhecedores de seus direitos e deveres.

Conforme os relatos das pessoas das comunidades em pesquisa, a desvalorização da cultura é nítida e preocupante porque como muitos disseram, os jovens não respeitam mais os saberes e fazeres do povo Kalunga. Dessa forma, muitas tradições já estão ficando para o esquecimento. É notório a preocupação das pessoas e a tristeza em saber que a cultura do lugar que simboliza a luta e resistência dos seus anciãos se acabando pouco a pouco sem que as novas gerações se deem conta disso.

É importante ressaltar, que não se pode colocar toda responsabilidade do desenvolvimento intelectual e o interesse do educando pela subsistência e resistência das manifestações culturais e práticas dos quilombolas no trabalho do educador. Deve sempre haver uma interação comunidade e escola. Segundo os relatos das pessoas entrevistadas, o que pode ajudar a reverter esse alto índice de desvalorização da cultura por parte dos jovens, é a educação. Para eles, com o apoio das escolas, desde cedo as crianças já começam a compreender a importância que tem essas manifestações culturais, as tradições na vida de cada um. Contudo, foi possível perceber também a ausência dos pais e comunidade em geral no ambiente escolar.

É fundamental que a comunidade conheça e acompanhe a vida escolar do seu filho, assim como o professor (a) também deve estar atento aos questionamentos e inquietações trazidas por seus alunos. Porém é importante também que comunidade, saiba qual é o real papel da escola, que a criança não é de total responsabilidade da escola, e sim deve haver um comprometimento da família. Dessa forma, é de responsabilidade da escola cativar os pais e dar-lhes a segurança de que seu papel seja o de somar forças no sentido de contribuir para a formação dos sujeitos emancipados, a partir da valorização de suas identidades e fortalecimento de sua comunidade.

A escola pode desenvolver no aluno o “sentido”, o sentido de estar ali, e porque está ali. Porque para o aluno na maioria dos casos estudar na escola, é uma obrigação e por isso não veem uma significação, então muitos se perguntam, para quê estudar? Então pensando nisso, trabalhar a cultura local perpassando por vários contextos mostrando a esses alunos por exemplo que história não é somente a conhecida por eles em livros, as quais abrange diferentes contextos que abarcam diversos marcos importantes para a o Brasil e o mundo. Saber que estes estudantes quilombolas também têm uma história de vida é a base para compreender não só os fatores inerentes a sua vivência e comunidade como também diversos outros fatores da sociedade, por isso, trabalhar a formação cultural, é importante e significativa para construção do sujeito. Esse talvez seja o meio para redescobrirem-se como seres pensantes e capaz de buscar, investigar, pesquisar e ampliar seus conhecimentos em diferentes aspectos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Ser professor/a hoje**: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Porto Alegre. jan./abr. 2014, v. 37, n. 1, p. 33-41.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. 2007, v. 17, n. 36 [Acessado 8 Outubro 2021], pp. 21-32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>>. Epub 14 Jan 2008. ISSN 1982-4327. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

CADART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola politécnica de saúde Joaquim Venâncio, expressão popular, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80p. ; 21cm.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos pós graduados em Sociologia Política da UFSC**. Vol.1nº 1(1), agosto-dezembro/2003, p.149-168

KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEF, I. Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações (Campo Grande)**, v. 3, n. 4, 29 fev. 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2003, n. 23 [Acessado 24 Outubro 2021], pp. 156-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200012>>. Epub 06 Nov 2006. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200012>.

MOREIRA, Divania Deltrudes. **Jovens Kalunga**: a Romaria de São João, Identidade e Resistência da Cultura Quilombola em Monte Alegre de Goiás-GO. Campos Belos, 2021. 23 p.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do. **Entre o vivido e o sentido na escola**: uma experiência formativa na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, TO.2017.124f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2017.

OSTETTO, Luciana E. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: _____. **Educação infantil**: saberes e fazeres da formação de professores. 5.ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012. p.127-138.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.--(Coleção primeiros passos; 110).